



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE
(PROFLETRAS) – UNIDADE ITABAIANA

EDIJANE OLIVEIRA SANTOS

**RELAÇÕES DIALÓGICAS E EPIFÂNICAS EM CRÔNICAS DE CLARICE
LISPECTOR**

Itabaiana, SE
2023

EDIJANE OLIVEIRA SANTOS

**RELAÇÕES DIALÓGICAS E EPIFÂNICAS EM CRÔNICAS DE CLARICE
LISPECTOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS do Programa de Pós-graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor Alberto de Carvalho.
Área de concentração: Linguagens e letramentos.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva.

Itabaiana, SE
2023

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237r Santos, Edijane Oliveira
Relações dialógicas e epifânicas em crônicas de Clarice Lispector/
Edijane Oliveira Santos; orientação: José Ricardo Carvalho da Silva. –
Itabaiana, 2023.
48 f.; il.

Anexo: (caderno de aprendizagem) Oficina de leitura de crônica de
Clarice Lispector sob uma perspectiva bakhtiniana: crônica pertencer e
potência e fragilidade.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade
Federal de Sergipe, 2023.

1. Língua portuguesa. 2. Leitura. 3. Epifania. 4. Compreensão 5.
Lispector, Clarice, 1920-1977 – Crítica e interpretações. I. Silva, José
Ricardo Carvalho da. (org.). II. Título.

CDU 821.3(81).09

EDIJANE OLIVEIRA SANTOS

**RELAÇÕES DIALÓGICAS E EPIFÂNICAS EM CRÔNICAS DE CLARICE
LISPECTOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS do Programa de Pós-graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor Alberto de Carvalho.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquim
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Examinadora do Profletras

Profa. Dra. Solange Alves de Oliveira Mendes
Universidade de Brasília (UnB)
Examinadora externa

Itabaiana, SE, de setembro de 2023

A minha família, pelo incentivo, por estar sempre ao meu lado e
por não me deixar desistir.

AGRADECIMENTOS

Na minha vida sempre tive pessoas que acreditam que a educação é fonte de transformação. Essas pessoas são alicerces e fontes de inspiração para esse caminhar.

Diante das batalhas e dificuldades constantes do dia a dia, minha mãe amada, Maria, sempre demonstrou confiança e fé na vida, mulher guerreira, que me incentivou a buscar o conhecimento e crescer enquanto ser humano; mostrou que a vida é difícil, mas que vale a pena lutar por uma vida melhor. A meu pai, que embora não tendo uma formação escolar, mostrou outros valores imprescindíveis à formação humana. E, decodificando os códigos do mundo, incentivou-me nos estudos.

Aos meus irmãos, Evandro, Elaine e Gabriela, pela irmandade de muito amor, apoio, incentivo, afeto. Vocês são sinônimos de força e inspiração. Aos meus cunhados, Adailson e Mônica, pelo apoio de sempre. Aos meus amados sobrinhos: Artur, Vítor Gabriel e Davi, pelo afeto. Eles que tantas vezes aturaram as minhas falhas, o meu estresse e que, mesmo assim, foram uma fonte de alento e conforto nas horas difíceis.

As minhas amigas que acompanharam as alegrias e as aflições desse caminhar. A Edilza, Maria Edivania, Josélia e Heliana, amigas queridas, por acreditarem em mim, pelas demonstrações de afeto, pela parceria e incentivo.

Aos amigos do ProfLetras, em especial: a Meidimeire Coutinho, amiga querida e de jornada, que batalhou pela realização de um sonho, por dividir comigo os momentos de angústias e alegrias.

Aos meus professores do ProfLetras: Dr. Carlos Magno Santos Gomes, Dr. Denson André Pereira da Silva Sobral e Dra. Jeane de Cássia Nascimento, pelas aprendizagens. Não esquecerei das aulas, que descortinavam um novo mundo.

Às professoras Profa. Dra. Solange Alves de Oliveira Mendes e Profa. Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquim, pelas contribuições valorosas na banca de qualificação.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo fomento ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, o que possibilita a promoção da formação continuada de docentes/pesquisadores e fortalece a educação.

A todos, meu obrigada! E, em especial, ao meu orientador Prof. Dr. José Ricardo Carvalho da Silva, pela orientação, apoio, compreensão, por não me deixar desistir. Tudo que eu registrar aqui, ainda será pouco diante de tudo que fez por mim.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Registro de compreensão responsiva dos estudantes -----32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Procedimento para análise do processo epifânico em crônicas -----	23
Quadro 2: Processo de resignificação valorada com base em Carvalho (2023) -----	27

RESUMO

Esta pesquisa, propõe o estudo da leitura de crônicas de Clarice Lispector, com base nos estudos de compreensão ativa de Bakhtin (2011; 2023), procedimentos de leitura de ressignificação valorada (CARVALHO, 2021; 2023) e estruturação de crônica epifânica (SANT'ANNA, 1973), a fim de produzir uma oficina de leitura de expressão dialógica. A pesquisa realiza um estudo de caso que examina a leitura do gênero crônica epifânica de Clarice Lispector, considerando a posição responsiva do narrador e dos personagens frente aos dilemas ético-axiológicos presentes em crônicas de cunho psicológico e existencial no plano ético-estético, bem como a observação da compreensão responsiva e responsável perante a proposta didática envolvendo a capacidade de ressignificação valorada dos enunciados, quando vinculam o olhar valorativo e emotivo-volitivo na atividade leitora. A pesquisa tem como corpus de análise as crônicas: *Pertencer*, *Ser cronista*, *Potência e fragilidade*, *A surpresa* e *Morte de uma baleia*, que analisam os processos epifânicos que manifestam singularidade de criação estética de Clarice Lispector, a fim de explorá-los em um produto didático. A pesquisa, de cunho qualitativo, centrada no estudo de caso, busca compreender como a leitura de crônicas de Clarice pode ser enriquecida quando são exploradas as capacidades voltadas à compreensão dos enunciados no ético e estético. Nesta abordagem, adotamos como princípio a compreensão responsiva, tomando como categorias a empatia e a exotopia. Dessa forma, examinamos como a autora toma acontecimentos da vida cotidiana para a realização de discussões de cunho filosófico que apontam para existência da vida e o autoconhecimento. Diante das problemáticas exploradas nos textos e da criação estética desenvolvida pela autora, os estudantes fizeram relação dos acontecimentos e visões de mundo exibidos nos textos com as suas vidas. Os resultados apresentam uma proposta de oficina de leitura que explora questões valorativas no plano ético-estético em crônicas de Clarice Lispector, tendo como foco a compreensão responsiva e responsável dos alunos diante sobre temas abordados e do processo de criação estética apreciado. Assim, o encontro entre as palavras da autora e a sensibilidade dos estudantes se converteu em um diálogo enriquecedor, iluminando o caminho da autodescoberta a partir das relações dialógicas.

Palavras-chave: Leitura; Epifania; Relações dialógicas; Ressignificação valorada; Compreensão ativa.

ABSTRACT

This work proposes the study of the reading of chronicles of Clarice Lispector, based on the studies of active comprehension of Bakhtin (2011), procedures of reading of valued resignification (Carvalho, 2021, 2023) and structuring of epiphanic chronicle (Sant'anna, 1973) in order to produce a reading workshop of dialogical expression. The research conducts a case study that examines the reading of the epiphanic chronic genre of Clarice Lispector, considering the responsive position of the narrator, of the characters in the face of the ethical-axiological dilemmas present in chronicles of a psychological and existential nature in the ethical-aesthetic plane, as well as the observation of the responsive and responsible comprehension before the didactic proposal involving the capacity of valued resignification of the statements, when they link the evaluative and emotive-volitional look in the reading activity. The qualitative research, centered on the case study, seeks to understand how the reading of Clarice's chronicles can be enriched when the capacities aimed at understanding the statements in the ethical and aesthetic are explored. In this approach, we adopted as a principle responsive understanding, taking as categories empathy and exotopy. In this way, we examine how the author Clarice Lispector takes events of everyday life to carry out discussions of a philosophical nature that point to the existence of life and self-knowledge. Faced with the problems explored in the texts and aesthetic creation developed by the author, the students related the events and visions of worlds displayed in the texts with their lives. The results present a proposal for a reading workshop that explores evaluative issues in the ethical-aesthetic plan in chronicles of Clarice Lispector, focusing on the responsive and responsible understanding of the students before the theme addressed and the process of aesthetic creation appreciated. Thus, the encounter between the author's words and the students' sensibility became an enriching dialogue, illuminating the path of self-discovery based on dialogical relationships.

Keywords: Reading; Epiphany; Dialogical relations; Valued resignification; Active comprehension.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. RELAÇÕES DIALÓGICAS E COMPREENSÃO ATIVA EM CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR.....	16
2.1. Relação entre o conceito de autoria e a posição responsiva de Bakhtin em crônicas de Clarice Lispector	18
2.2. Epifania na construção das crônicas <i>Potência e fragilidade</i>, <i>A surpresa</i> e <i>Morte de uma baleia</i>.....	25
2.3. Oficina de leitura: uma proposta didática sob a perspectiva bakhtiniana	32
3. PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	36
4. ANÁLISE DOS DADOS	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE.....	49

1. INTRODUÇÃO

O caráter dialógico da leitura permite ao leitor construir significações e ressignificações a partir do texto lido, das vivências do leitor e do contexto histórico, cultural e ideológico no qual acontece a atividade leitora, pois, ao compreender um enunciado, o leitor acrescenta “como que uma camada de nossas palavras responsivas” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 232). São as relações dialógicas que permitem a interação entre o leitor/texto/autor, promovendo os sentidos do enunciado em uma compreensão ativa, configurada na relação da palavra com a contra palavra.

O ensino de literatura atualmente está baseado em termos de objetivos, competências e habilidades para todos os textos, sem levar em consideração as particularidades de cada gênero, bem como a interação entre os interlocutores do gênero através da palavra e do seu caráter bilateral – parte de um “eu” em direção a um “outro” –. Sobre isso, Volóchinov (2018) afirma que “a palavra é um ato bilateral” e “uma ponte que liga o eu ao outro”. É nesse caminho que ocorre a compreensão ativa em que o enunciado busca/encontra uma resposta do leitor, diferentemente da compreensão passiva, em que a possibilidade de resposta é excluída e pode ser considerada como um momento abstrato da compreensão ativa. Os conceitos de compreensão passiva, aqui utilizados, partem do pressuposto de que “a compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta” (BAKHTIN, 2011, p. 271), ainda podemos considerar o conceito de compreensão passiva como a compreensão exclui a possibilidade de respostas, pois a “compreensão passiva em que a resposta é excluída de antemão. Toda e verdadeira compreensão é ativa e possui um embrião de resposta” (Volóchinov, 2018, p. 232).

Podemos dizer que a compreensão passiva se baseia na simples absorção do significado do texto sem uma resposta ativa ou envolvimento crítico dos discursos. Uma compreensão passiva pode ser superficial e efêmera, pois o receptor do texto pode excluir a resposta de antemão. Além disso, essa abordagem não promove a reflexão crítica, uma vez que não exige que o ouvinte se envolva ativamente com o conteúdo.

Contrariamente, a compreensão ativa é fundamental para uma verdadeira apreciação e assimilação do conteúdo ético e axiológico. Ela envolve não apenas ouvir ou ler, mas também questionar, analisar, interpretar e, crucialmente, responder ao discurso de forma significativa. A compreensão ativa promove a participação ativa do receptor no processo de comunicação,

permitindo que eles se envolvam emocional e intelectualmente com o material. Nesse sentido, esta pesquisa assume a compreensão ativa, a fim de explorar a proposta do estudo, a leitura do gênero crônica em uma abordagem dialógica que explore o debate e a discussão sobre valores e dilemas éticos representados nas relações dialógicas.

Observamos que as discussões sobre temas sociais, valores e a relação entre as pessoas no universo da esfera íntima é um tema pouco explorado na escola, por essa razão, se propõe que a prática de leitura possa promover o autoconhecimento e o respeito às diferenças individuais. Ainda que nos assumamos como sujeitos sociais, ocupamos, em nossas vidas, particularidades e conflitos que, muitas vezes, são representados na literatura. Destacamos que existem muitas crônicas que assumem esse prisma, explorando temas da vida cotidiana de forma sensível e questionadora, trazendo um olhar singular sobre os acontecimentos. Nessa perspectiva, a leitura de crônicas de cunho psicológico-reflexivo possibilita ao leitor/estudante ampliar sua visão de mundo e elaborar novas percepções sobre acontecimentos ocorridos na coletividade e em sua existência individual.

A escrita singular de Clarice Lispector, que apresenta as noções de fluxo de consciência, de existências subjetivas de seus personagens e da epifania em suas narrativas não lineares, não é facilmente interpretada pela maioria dos alunos. Os estudantes tendem a apresentar dificuldades de interpretação de textos em relação a esse estilo de escrita. Além disso,

Para que haja a compreensão do domínio da capacidade de ressignificação valorada é preciso conceber o ato de ler como uma atividade de saber se posicionar diante das diferentes visões de mundo expressas no agir discursivo representado em um texto. O leitor confronta os dados do texto com o contexto de produção e sua experiência singular, habilitando a reconstrução e atualização dos sentidos com acento apreciativo de maneira responsiva (Carvalho, 2021, p. 96).

Por esse caminho, o ato de ler compreende a atualização dos sentidos dos textos mediante a percepção da realidade, da visão de mundo, dos saberes do leitor. A atualização dos sentidos acontece de maneira dialógica entre texto e leitor.

Sob a perspectiva de Bakhtin (2011), podemos ressaltar três elementos importantes no processo de leitura de textos literários na sala de aula: o autor e seu processo de construção, o leitor com a sua vivência e o texto que representa acontecimentos, experiências de vida e discursos que provocam reações e posicionamento ético-axiológico diante dos temas e dos conteúdos abordados no texto.

As crônicas de Clarice Lispector exigem do leitor uma compreensão responsiva, dotada de empatia diante da vida do outro, ao mesmo tempo em que exigem um olhar de afastamento para que o leitor possa se posicionar perante os fatos abordados. Dessa forma, o trabalho de mediação do professor exige uma abertura para o diálogo sobre as relações humanas de cunho ético-axiológico, trazendo a vida para a sala de aula.

Além disso, a prática da leitura literária de crônicas claricianas busca promover a assunção de posicionamentos valorativos diante dos temas e das histórias abordadas. Sobre isso, Ponzio (2021), no prefácio do livro *Lendo Razlúka de Púchin*, afirma em relação ao valor do outro para arte e para a vida: “Normalmente há dois centros de valor: aquele do eu e aquele do outro. Na vida pode prevalecer um ou outro. Mas na arte, a condição de seu valor, do valor estético, é que predomine o valor do outro” (BAKHTIN, 2021, p. 9). Por essa razão, no tocante ao ato da leitura, não basta somente desenvolver as capacidades de linguagem voltadas para o domínio do gênero literário; é preciso assumir posicionamentos valorativos diante dos temas e das histórias abordadas.

Nesse sentido, o papel do professor é promover situações em que o leitor/estudante tenha o contato com o texto literário e possa elaborar indagações, perceber os discursos, refletir, ampliar sua visão de mundo, debater e atualizar os sentidos presentes no texto empírico. Dessa forma, a prática de leitura de crônicas convoca o sujeito a assumir uma posição respondente em relação ao enunciado, bem como aponta para a formação de um estudante/leitor que pensa nas questões existenciais e nos fatos cotidianos com um olhar sensível e atento, possibilitando gerar descobertas e mudanças, tal qual a ocorrência de uma epifania, explorada nas obras literárias da autora. Sendo assim, a leitura convoca o sujeito a assumir uma posição respondente em relação ao enunciado.

Vale ressaltar que as crônicas claricianas são marcadas não apenas no nível imediato, mas focam em questões de ordem temporal longa, ela está envolvida em questões sobre a existência, que transcendem acontecimentos da vida contemporânea. Suas crônicas são atemporais e abordam temas universais. São questões que o ser humano sempre está retomando e promovendo revelações e descobertas dos conflitos diante olhar do outro. Esse movimento epifânico é gerador de autodescoberta, de consciência de si, de revelação, de iluminação, talvez da consciência de si no mundo.

Por essa razão, optamos pela leitura de crônicas de Clarice Lispector, pois a autora traz uma linguagem singular e explora aspectos complexos da existência humana. Intercala fluxos de consciência em monólogos interiores, evidenciando dilemas éticos e estéticos. Clarice

possui um estilo ímpar no universo literário brasileiro, pois em suas criações literárias/estéticas a autora explora cenas com revelações existenciais compreendidas como momento epifânico. Por colocar em seus textos questionamentos sobre os valores sociais, seus personagens assumem posicionamentos divergentes ou questionadores diante das ações vividas. Seus textos exigem do leitor a realização de uma compreensão responsiva, dotada de empatia diante da vida do outro, ao mesmo tempo em que exigem um olhar de afastamento para realizar um posicionamento sobre os fatos abordados. Dessa forma, o trabalho de mediação do professor exige uma abertura para o diálogo sobre as relações humanas de cunho ético-axiológicas, trazendo a vida para a sala de aula.

As crônicas claricianas dão voz a mulher, abordando o lugar subalterno em que a sociedade a coloca. Chegamos ao lugar do discurso interior das relações geradoras de epifania. O movimento epifânico é movimento de autodescoberta, de consciência de si, de revelação, de iluminação, talvez da consciência de si no mundo.

Nesta pesquisa, buscamos responder aos seguintes questionamentos? a) Como a análise da posição enunciativa presente no texto contribui para uma compreensão ativa das crônicas de Clarice Lispector?; b) Qual é o papel dos questionamentos em torno da ressignificação valorada na leitura das crônicas de Clarice Lispector selecionadas na pesquisa?; c) Como ocorre a compreensão ativa bakhtiniana na leitura das crônicas de Clarice Lispector na sala de aula?; d) Como as discussões teóricas de Bakhtin sobre autoria, compreensão ativa e posição responsiva podem ampliar procedimentos leitura de textos literários, estimulando a reflexão sobre as relações dialógicas e o posicionamento crítico-reflexivo do leitor?

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral compreender como uma proposta didática sob uma perspectiva bakhtiniana pode contribuir para o ensino de leitura literária que vise refletir sobre as relações dialógicas e epifânicas suscitadas mediante os conceitos de autoria, compreensão ativa e posição responsiva em crônicas de Clarice Lispector. Os objetivos específicos do trabalho são estes: analisar a crônica sob a abordagem bakhtiniana na leitura de Clarice Lispector e implementar uma oficina de leitura. A primeira forma diz respeito à análise de crônicas de Clarice Lispector sob a perspectiva bakhtiniana, explorando a ressignificação valorada. O segundo refere-se à organização de uma oficina de leitura a partir do projeto de análise das crônicas desenvolvido na construção teórico-metodológica:

I - Objetivos vinculados à construção teórico-metodológicos de análise:

- a) Analisar as categorias de autoria, compreensão ativa e posição ética, axiológica e emotivo-volitiva nos estudos bakhtinianos aplicados ao contexto de análise das crônicas.
- b) Investigar as características estruturais e estilísticas das crônicas de Clarice Lispector, identificando elementos que promovam a construção de relações dialógicas e epifânicas com os leitores.

II - Objetivos ligados à produção didática e à aplicabilidade:

- a) Elaborar uma proposta de oficina literária de crônicas de Clarice Lispector sob a perspectiva das relações dialógicas.
- b) Promover a leitura de crônicas a partir da percepção da relação dialógica que possibilite uma compreensão ativa responsiva para uma oficina de leitura de crônicas de Clarice Lispector.
- c) Analisar a compreensão responsiva dos estudantes durante a aplicação da proposta didática, no processo da oficina de leitura literária, com base na perspectiva bakhtiniana.

Ressaltamos que este estudo será desenvolvido em uma turma do 9º ano do ensino fundamental do município de Cícero Dantas, BA. A metodologia parte de uma abordagem qualitativa, o método empregado é o estudo de caso e os instrumentos para a coleta de dados serão produções escritas e transcrição de vídeo ou áudio da realização das atividades propostas a partir do desenvolvimento da oficina de leitura literária, bem como a análise documental.

Em termos de estrutura, esta pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo destaca as bases teóricas em que o trabalho está fundamentado a partir da conceituação de compreensão ativa, relações dialógicas, conceito de autoria em Bakhtin e processos epifânicos em crônicas de Clarice Lispector. O segundo capítulo apresenta os caminhos metodológicos em que a pesquisa está alicerçada e o terceiro capítulo traz a análise dos dados da pesquisa.

Esta pesquisa terá como resultado a construção de um Objeto de Aprendizagem, que consiste em uma *Oficina de leitura literária de crônicas de Clarice Lispector sob uma perspectiva bakhtiniana*, apresentado nos Apêndices como forma de contribuir com uma proposta de prática de leitura que explore a compreensão ativa.

2 RELAÇÕES DIALÓGICAS E COMPREENSÃO ATIVA EM CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR

A relação dialógica entre o “eu” e “outro” é consolidada mediante a linguagem que se apresenta materializada em enunciados concretos, compreendendo a relação autor/enunciado/leitor e possibilitando a compreensão ativa. Desse modo, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (Bakhtin, 2011, p. 265).

O enunciado está para a vida, assim como a vida está para o enunciado e toda atividade de leitura deve partir da compreensão de que os enunciados são resultado das interações vivenciadas pelos sujeitos. Um enunciado vivo se materializa verbalmente a partir de relações vividas pelo sujeito e que devem ser levadas em consideração ao realizar uma leitura, bem como entender que o leitor também valora o enunciado mediante seu contexto axiológico.

O caráter dialógico da leitura permite ao leitor construir significações e ressignificações a partir das vivências do leitor e do contexto histórico, cultural e ideológico em que atividade leitora se realiza. São as relações dialógicas que permitem a interação entre o leitor/texto/autor, promovendo os sentidos do texto em uma compreensão ativa, configurada na relação da palavra com a contra palavra, pois “todo enunciado é prenda de resposta” (BAKHTIN, 2011, p. 271). Essa contra palavra que o enunciado busca é a palavra do leitor, é a sua compreensão mediante a assunção de um posicionamento axiológico, concordando ou discordando dele.

Esse movimento responsivo da palavra com a contra palavra mobiliza a percepção do quão importante é perceber que todo enunciado carece de uma resposta, carece de assumir um posicionamento frente ao que é dito. Sobre isso, Volóchinov (2018, p. 232) afirma:

Toda compreensão é dialógica. A compreensão opõe-se ao enunciado, assim como a réplica opõe-se a outra no diálogo. A compreensão busca uma antipalavra à palavra do falante. Apenas a compreensão de uma palavra estrangeira busca “exatamente a mesma” palavra em sua língua.

Essa compreensão responsiva demonstra o papel ativo do sujeito frente aos enunciados com os quais interage. Há sempre uma busca de responder ao que foi lido/escrito, mesmo quando essa resposta não é imediata como em um diálogo, ou mesmo quando silencia em algum enunciado, significa que concorda com o que foi dito, ou ainda que não se responde

imediatamente, pois você pode realizar uma leitura hoje e somente depois de algum tempo vir a compreender e, assim, realizar uma ação frente a isso, concordando ou discordando com o que leu.

Nessa perspectiva, os interlocutores interagem mediante enunciados concretos, validando ou não o que foi expresso. Ao realizar uma leitura, o sujeito assume a condição de realizador de uma ação segundo a qual é convocado a responder, pois essa orientação em relação ao enunciado caracteriza a compreensão responsiva. Volóchinov (2018, p. 232) corrobora esse posicionamento ao afirmar que:

Compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas.

Ao orientar-se em relação ao enunciado, o sujeito busca compreendê-lo, apreendê-lo com vistas a emitir uma avaliação sobre ele. Essa avaliação não é neutra, mas é realizada a partir de suas vivências, do contexto histórico, cultural, ideológico e axiológico em que atividade leitora se realiza, de modo a buscar uma compreensão ativa.

O gênero crônica, aqui selecionado, caracteriza uma situação concreta de linguagem, pois há um texto concreto, há uma autora, há uma situação de produção, há um gênero escolhido, o que provoca uma interlocução com quem o lê. Isso ocorre porque quem lê também interage com o texto a partir de suas vivências e consegue trazer uma ressignificação valorada. Sobre isso, Carvalho (2021, p. 92) assevera que:

A capacidade de ressignificação valorada está em conjunção com o contexto de produção e as operações arregimentadas pela capacidade de significação no âmbito avaliativo e volitivo. A capacidade de ressignificação valorada aprecia e reflete sobre a tensão entre visões de mundo exibidas no texto, o jogo de vozes, o acento apreciativo dado pelos interlocutores sobre os conteúdos temáticos manifestados no texto, a direção argumentativa assumida pelo texto e o posicionamento do leitor e da comunidade leitora sobre os agires languageiros analisados.

Nesse contexto, essa maneira de trabalhar a leitura valoriza a vida, valoriza as questões axiológicas presentes nas crônicas de Clarice Lispector e pode levar à formulação de uma ressignificação textual, pois promove o diálogo incessante com o leitor.

Assim, observamos que o dialogismo pode ser entendido como resultado das interações sociais vivenciadas pelos sujeitos e materializadas verbalmente. Notamos que as interações discursivas de “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados

com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 297). Essas interações discursivas são permeadas por enunciados que são reflexos de outros enunciados, que respondem a outros enunciados rejeitando-os, confirmando-os, completando-os, relacionando-os.

2.1. Relação entre o conceito de autoria e posição responsiva de Bakhtin em crônicas de Clarice Lispector

Sob a perspectiva de Bakhtin, podemos ressaltar três elementos importantes no processo de leitura de textos literários na sala de aula: o autor e seu processo de construção, o leitor com a sua vivência e o texto que remete a acontecimentos, informações e discursos para provocar efeitos de sentidos e tomada de posicionamento ético-axiológico do leitor diante do tema e dos conteúdos abordados no texto.

Bakhtin considera o autor como elemento essencial para que se possa realizar uma compreensão ativa do enunciado, pois o enxerga como participante e orientador do leitor. Sobre isso, afirma que “o autor deve ser entendido como, antes de tudo, a partir do acontecimento da obra como participante dela, como orientador autorizado do leitor” (BAKHTIN, 2011, p. 191).

Devemos considerar que todo enunciado é construído por um autor definido que, ao construir sua obra literária, busca um acabamento que se dá através da relação entre estético, ético e cognitivo, ou seja, da relação entre a vida, a arte e o mundo psíquico. Essa relação vida, mundo e arte é materializada de forma singular por meio de um enunciado concreto, considerando que

tudo que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. A singularidade do existir presente é irrevogavelmente obrigatória [nuditel’no obiazatil’na]. Este fato do meu não alibi no existir [mai ne-alibi v bytii], que está na base do dever concreto e singular do ato, não é algo que eu aprendo e do qual tenho conhecimento, mas algo que eu reconheço e afirmo de modo singular e único (BAKHTIN, 2010, p. 96).

A singularidade do existir exige que o autor também ocupe esse lugar único ao produzir seus escritos, refletindo assim sua individualidade. À proporção que procura pela individualidade, o autor-pessoa aproxima vida e arte em que esta está ligada àquela de maneira transgrediente, em outras palavras, buscando novos significados, novas percepções de mundo.

Segundo Faraco (2020), no vídeo: *A noção de autoria em Bakhtin e sua contribuição para leitura*, disponível no youtube, o autor está sempre em busca de uma posição autoral, bem

como se orienta em uma atmosfera plurissignificativa; essa posição autoral pode revelar uma posição axiológica frente à vida. Em relação à posição autoral buscada pelo autor, Bakhtin (2011, p. 275/276) assegura que

[...] se define a posição do autor, portador do ato da visão artística e da criação no acontecimento do existir, único ponto em que, em linhas gerais, qualquer criação pode ser ponderável em termos sérios, significativos e responsáveis. O autor ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento.

Nessa perspectiva, podemos exemplificar essa busca pela posição autoral de Clarice Lispector pelo modo singular como constrói suas crônicas, como afirma Gonzaga (2012, p.437), “a trajetória de Clarice Lispector a situa fora dos padrões tradicionais da literatura brasileira”. A percepção de rompimento dos padrões tradicionais advém da singularidade estética que marca suas crônicas, a saber: conversa próxima com o leitor e consigo mesma através de diálogos interiores (microdiálogos), traz em sua temática questões atemporais da existência humana e narrativas epifânicas, refletindo, assim, a singularidade da autora.

A busca pela posição autoral de Clarice Lispector dar-se enquanto autor-pessoa e enquanto autor-criador, pois há uma relação de proximidade entre a vida da autora e sua obra estética. Em relação a essa aproximação, Pedro Karp Vasquez (2018) afirma que:

Clarice costuma abordar o tema da escrita com frequência em suas crônicas, fazendo reflexões sobre o ato de escrever, sobre a importância da literatura na vida das pessoas ou sobre os motivos que a levaram a produzir esse ou aquele romance ou conto. Oferece-nos assim preciosas informações, não para a decifração de seus textos, pois ela não estava interessada neste tipo de “explicação que não explica”, mas sim sobre seu fazer literário e, em paralelo, sobre sua própria personalidade, já que nela não existe separação nem paralaxe entre escrita e vida (p. 678).

Em seu fazer literário, Clarice Lispector traz temas e relatos de fatos de sua vida, o que revela a relação de proximidade entre vida e arte. Observamos, com isso, que autor-pessoa e autor-criador, em Clarice Lispector tem uma relação de proximidade, pois traz temas e relatos de sua vida para sua escrita, para as crônicas. É importante destacar que ao trazer a vida para a literatura, a autora reorganiza os fatos da vida de modo estético e mediante sua posição axiológica frente a esses acontecimentos da vida.

As categorias autorais propostas por Bakhtin de autor-pessoa e autor-criador dizem respeito ao sujeito e ao criador da obra estética. Para Bakhtin (apud Faraco, 2011, p. 21-26), o

autor-criador “dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é, seguindo sempre a imagética bakhtiniana, um estenógrafo desses eventos), mas, a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os reorganiza-os esteticamente”.

O conceito de autor-pessoa, aqui elencado, deve ser entendido, nas palavras de Faraco (2011), como “o escritor, o artista, a pessoa física”. Para retratar a autora-pessoa da Clarice Lispector, cabe situá-los em relação à biografia dessa autora.

Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro de 1920, em Tchetchelnik, na Ucrânia, como Haya Lispector, filha de Pinkouss Lispector e de Mania Lispector. Para fugir da perseguição aos judeus, sua família migra para o Brasil. Com a chegada ao Brasil, o pai de Clarice decide mudar os nomes dos membros da família, com exceção de sua irmã Tania. Sendo assim, Haya passou a se chamar Clarice, Pinkouss transformou-se em Pedro, Mania em Marieta e Leia em Elisa (irmã).

Inicialmente, sua família chega a Maceió, mas Clarice morou em Recife e no Rio de Janeiro. A autora perdeu sua mãe muito cedo. Estudou direito na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, hoje UFRJ. Em 03 de junho de 1942, Clarice Lispector escreve uma carta solicitando a nacionalidade brasileira ao Presidente Getúlio Vargas. Na missiva, a autora solicita “o direito de uma situação de fato” e acrescenta que “pensa, fala, escreve e age em português, fazendo disso sua profissão”.

Depois de conseguir a naturalização, em 1943, casa-se com o diplomata Maury Gurgel Valente, era seu colega de faculdade, ano em que seu marido inicia a carreira diplomática decorrente da qual tem de se mudar constantemente. Ainda neste ano, publica o seu livro: *Perto do coração selvagem*, com o qual recebe o prêmio Graça Aranha, em 1944, de melhor romance.

Por ter de se mudar constantemente, o primeiro filho, Pedro, nasceu em Berna e o segundo filho, Paulo, nasceu nos Estados Unidos. Clarice morou na Itália, em Berna, Rio de Janeiro, Inglaterra e Estados Unidos. Quando esteve no Rio de Janeiro, em 1952, colou grau em direito e voltou à atividade de jornalista.

No ano de 1959 se separa do marido e regressa ao Rio de Janeiro com os filhos, passa a residir no Leme e, com o intuito de aumentar seus ganhos, assume uma coluna no jornal *Correio da Manhã* sob o pseudônimo de Helen Palmer. Passa a se dedicar à criação e ao cuidado dos filhos, bem como à escrita para jornais e literária.

Em 14 de setembro de 1966, a autora fica três dias entre a vida e morte por causa de um incêndio acidental que ocorreu em decorrência de ter dormido com um cigarro aceso. Teve

várias partes do corpo queimadas e quase teve sua mão direita amputada por causa das queimaduras. Em agosto do ano seguinte, passa a escrever crônicas para o *Jornal do Brasil*, no qual permanecerá por seis anos. Clarice falece em 1977, em decorrência de um câncer. Mas, ela continua viva através de sua escrita.

A busca pela posição autoral de Clarice perpassa pela sua construção estética a partir da figura do autor-criador postulada por Bakhtin e sintetizada nas palavras de Faraco (2011, p. 21), que considera

[...] o autor-criador é, desse modo, quem dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é, seguindo sempre a imagética bakhtiniana, um estenógrafo desses eventos), mas, a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os e organiza-os esteticamente.

Sendo assim, percebemos que Clarice Lispector busca uma posição de autoria diferente da tradicional, pois suas crônicas são realizadas com elementos estéticos singulares em que aborda a temática da existência, numa linguagem próxima do leitor, convocando-o a responder aos seus enunciados materializados em suas narrativas de caráter epifânico. Essas características revelam sua posição de autoria, uma vez que “A procura da própria palavra pelo autor é, basicamente, procura do gênero e do estilo, procura da posição de autor” (Bakhtin, 2011, p. 385).

Ao relacionar o autor-pessoa ao autor-criador de Clarice Lispector, percebemos momentos de aproximação exemplificados na crônica *Pertencer* por retratar a necessidade de pertencer da autora-criadora, estando esse associado um fato de sua vida: seu nascimento. Sendo assim, “o autor-criador nos ajuda a compreender também o autor-pessoa, e já depois suas declarações sobre sua obra ganharão significado elucidativo e complementar” (Bakhtin, 2011, p. 6).

A crônica *Pertencer* foi publicada em 15 de junho de 1968 em sua coluna semanal no *Jornal do Brasil*. A temática do texto é apresentada desde o título. A autora inicia afirmando que a vontade de pertencer vem desde o berço, mas que sentia que *não pertencia a nada e a ninguém* e assevera que essa vontade a acompanhava, causando-lhe um sentimento como a inveja que sentia de uma freira por esta pertencer a Deus. Relata que a fome humana de se *dar a algo ou alguém* a acompanhava, tornando-a arisca e se questionando se não começou a escrever para ter a sensação de que pertence a ela mesma. A autora traz a ideia de que, às vezes, tem alegrias solitárias em decorrência de não se sentir pertencente. Expõe que quer pertencer não porque se sente frágil, mas porque quer que sua força seja compartilhada e fortifique ao

outro. Relata que experienciou com alegria o sentimento de pertencimento ao país e à literatura brasileira. No entanto, expõe que, embora tenha sido criada com amor e esperança de curar a mãe de uma doença, sente que falhou nessa missão e carrega essa culpa. Finaliza a crônica assegurando que *pertencer é viver* e que os momentos de pertencimento que vivenciou só intensificaram essa necessidade tal qual o último gole de água num deserto, depois de tomado a sede volta, afirmando que “é deserto mesmo que caminho”.

Sobre a enfermidade da mãe, Clarice Lispector, na crônica *Pertencer*, presente no livro todas as crônicas, escreve: “Minha mãe estava doente, e, por superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava a mulher de uma doença (VASQUEZ, 2018, p.116)”. Percebe-se que há uma relação de proximidade entre a narradora e autora, uma vez que a mãe de Clarice Lispector realmente estava doente, vindo a falecer ainda jovem.

A partir da biografia da autora, apresentada anteriormente, observamos que Clarice Lispector nasceu no momento em que seus pais estavam tentando fugir do seu país por causa das perseguições aos judeus. Sua naturalização enquanto brasileira só ocorreu em 1943, pouco antes de se casar. Por meio desses fatos relativos à vida de Clarice, percebemos que a busca pela ideia de pertencimento é justificada, pois afirma que “minha primeira vontade foi a de pertencer”. Talvez morar em diversos países cause essa sensação de não pertencimento que a autora descreve em sua crônica.

Nesse contexto, na vida há continuidade, há incompletude; na crônica há um acabamento que suscita uma visão de mundo no acontecimento do existir, só se pode viver a partir do que está ali, esse acabamento é dado pelo autor, diferente do sujeito na vida, embora traga traços do acontecimento da vida. O autor-criador varia, mas em relação ao autor-pessoa, há uma constância na vida mesmo que seja uma constância no inconstante. Vale ressaltar que o autor-criador vivencia a vida de maneira diferente do autor-pessoa, que vivencia sua própria vida. Bakhtin (2011, p. 13) corrobora essa ideia ao afirmar que:

O autor vivencia a vida da personagem em categorias axiológicas inteiramente diversas daquelas em que vivencia sua própria vida e a vida de outras pessoas – que com ele participam do acontecimento ético aberto e singular da existência –, apreende-se em um contexto axiológico inteiramente.

O contexto axiológico entre o autor-pessoa e o autor-criador é vivenciado de maneira diversa, pois na crônica ocorre a materialização axiológica de um momento histórico que afeta o espaço da vida cotidiana. Embora suas histórias ocorram no universo íntimo da personagem, característica peculiar da crônica Clarice Lispector, a autora amplia o universo da

vivência e da experiência dos personagens, explorando temáticas atemporais de cunho existencial.

Bakhtin (1997, p. 184) afirma “todo o discurso do narrador está impregnado do diálogo interior: aqui todas as palavras se dirigem a si mesmas, ao universo e seu criador”. Na crônica *Pertencer*, é constante a presença do diálogo interior, a revelação do mundo interior da personagem. Nela, a narradora relata a realidade vivida, percebe-se que se estabelece um diálogo com leitor, ao mesmo tempo em que apresenta um diálogo interior acerca da necessidade de pertencer. Nesse contexto, a crônica demonstra que o microdiálogo está presente na escrita de Clarice Lispector de forma expressa ou constitutiva de sua escrita.

Nessa narrativa, a narradora estabelece uma relação entre a identidade e o sentimento de pertencimento a uma coletividade. De forma autobiográfica, a autora-criadora afirma que durante sua vida experimentou pertencer, mas como algo não permanente – como algo provisório, por isso “a sede volta”, levando o leitor a pensar sobre a ideia de aceitação do outro, de “fazer parte”. Vigora em seu texto a percepção de exclusão dos diversos grupos sem fechar uma ideia sobre o assunto.

Esse tom de inconclusibilidade se encontra nas diversas crônicas de Clarice Lispector, fazendo parecer um problema de todos. A autora busca um diálogo bem próximo com o leitor que o convida a refletir sobre a temática abordada, permitindo que ele considere as possibilidades que sua escrita permite. Sendo assim, os sentidos se renovam mesmo não estando no tempo em que as crônicas foram escritas, esse caráter atemporal, dão corpo à inconclusibilidade, permitindo sempre a atualização dos significados. Acerca do diálogo inconcluso, Bakhtin (2019) afirma que:

Através do contato com o presente, o objeto é envolvido pelo processo inacabado de formação do mundo, recebendo a marca da inconclusibilidade. Por mais distante de nós que ele esteja no tempo, está vinculado ao nosso presente inacabado por contínuas transições temporais, ganha uma relação com a nossa inconclusibilidade, como o nosso presente, enquanto o nosso presente caminha para o futuro inacabado. Nesse contexto inacabado perde-se a imutabilidade semântica do objeto: seu sentido e significado se renovam e aumentam na medida do contínuo desdobramento do contexto. Isso leva a mudanças radicais na estrutura da imagem artística. Esta ganha uma atualidade específica. Ganha um vínculo – nessa ou naquela forma e em grau maior ou menor – com o acontecimento presentemente contínuo da vida, com o qual nós – autores e leitores – estamos em comunhão substancial. (p. 98/99)

Devemos considerar que a inconclusibilidade da obra de arte, embora seja materializada através de enunciados concretos e acabados, pode gerar respostas que abrem

possibilidades diversas na compreensão.

A autora não prende a crônica ao momento, nem a uma estrutura linear, o que a leva a sempre repensar o ser cronista, exemplificado mediante a crônica com mesmo nome em que afirma não saber realizar o novo ofício, embora o faça com comprometimento. Para ilustrar, segue o resumo dessa crônica:

Publicada em 22 de junho de 1968 no *Jornal do Brasil*, a temática dessa crônica está expressa em seu título. A autora inicia afirmando que não se considera uma cronista e se questiona sobre o conceito do gênero crônica: *crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito?* A partir desses questionamentos, a autora volta a afirmar que desconhece, que antes de iniciar a trabalhar no jornal só tinha escrito outros gêneros e, por essa razão, tinha medo de escrever crônicas, solicitando conselhos a amigos que a orientavam a escrever qualquer coisa, justificando que coisas sérias ela já havia escrito e que certamente os leitores entenderiam ser uma forma honesta de ganhar dinheiro. No entanto, a escritora não ficou satisfeita com o conselho recebido, pois não gostaria de escrever tolices. Conforme exercitava a escrita de crônica, se preocupava com três coisas: 1) se tornar pessoal a ponto de escrever a própria vida; 2) o jornal é um veículo em que todos podem ter acesso, diferente do livro, que só abre quem está disposto a lê-lo e; 3) o diálogo com o leitor é menos profundo que nos romances. Assim, a escritora finaliza afirmando que ainda não consegue entender o gênero crônica e, por essa razão, dialoga com Rubem Braga, pois ela não considera estar contente realizando o ofício de escrever crônicas.

Nessa perspectiva, observamos que o ponto de aproximação entre autor-pessoa e autor-criador está no fato de Clarice Lispector exercer seu ofício de escrever crônica reflete sobre esse feito. Contexto valorativo do acontecimento da vida, de uma escritora que, ao escrever, tem ciência sobre o veículo de circulação, no caso, o jornal; sobre o desejo de não tornar suas crônicas pessoais demais a ponto de ver sua vida refletida na arte, mas que parte de acontecimentos de sua vida para escrever e, dialoga com os leitores com proximidade, convocando-o a pensar e responder ao que está no enunciado. Clarice convoca o leitor a responder, a valorar o enunciado.

O conceito do gênero crônica é ampliado a questionamentos, dessa maneira, demonstra o seu estilo singular de construir crônicas. A autora convoca o leitor sensível e reflexivo mediante a realização de diálogos interiores, diálogo que se dá mediante as relações dialógicas suscitadas em suas crônicas. Em relação ao conceito do gênero crônica, Ferreira (2005) afirma que “a crônica é um gênero narrativo, considerando a narrativa em concepção

tradicional – como estruturante de um discurso que pretende contar um fato, um episódio, que, por sua vez, se desenvolve numa sucessão temporal e desemboca em um resultado”. Vale lembrar que a dissertação de mestrado dessa autora apresenta diversas conceituações desse gênero, bem como apresenta argumentos, a fim de caracterizá-lo como um gênero dissertativo. Nessa perspectiva, notamos que, embora Clarice Lispector escreva para o jornal, direciona sua escrita de crônica no sentido reflexivo, atemporal e, muitas vezes, reveladora de epifania.

A crônica de Clarice Lispector se aproxima do conceito postulado por Lopes (2021) quando indica que esse gênero oferece reflexão e solicita reflexão: “É muitas vezes uma apreciação crítica, um juízo de valor, uma narração de factos/acontecimentos (reais, como pretexto, ou ficcionais), alternando entre a subjetividade literária e o relato de factos. A crônica oferece reflexão e solicita reflexão”, considerando que:

O autor vivencia a vida da personagem em categorias axiológicas inteiramente diversas daquelas em que vivencia sua própria vida e a vida de outras pessoas – que com ele participam do acontecimento ético aberto e singular da existência –, apreende-se em um contexto axiológico inteiramente distinto (Bakhtin, 2011, p. 13).

Percebemos que Clarice Lispector se aproxima e se afasta das problemáticas apresentadas em seus textos, responde ao acontecimento de modo inacabado, essa incompletude fica mais intensificada na vida, mas reaparece nas crônicas com um acabamento estético. Na vida, há continuidade e incompletude; na crônica, há um acabamento estético. Isso significa dizer que, mesmo quando um autor escreve sobre temas e cenários diferentes, parte de sua própria identidade, visão de mundo e experiências pessoais insinuadas em suas criações literárias. Essa constância na vida do autor-pessoa pode se manifestar de várias maneiras. Pode estar presente na escolha recorrente de temas ou na abordagem única de questões humanas universais. Pode ser perceptível na maneira como o autor lida com dilemas éticos, em suas preocupações políticas ou filosóficas subjacentes, ou até mesmo em certos estilos literários que persistem ao longo de sua obra.

2.2. Epifania na construção das crônicas Potência e fragilidade, A surpresa e Morte de uma baleia

As crônicas de Clarice Lispector são marcadas não apenas no nível temporal imediato, mas focam em questões de ordem temporal longa, ela está envolvida em questões sobre a existência, que transcendem uma ordem cronológica imediata. Suas crônicas são atemporais, transcendem o tempo e o imediato comum ao gênero. São questões que o ser humano sempre está retomando, que trabalham com o momento de descoberta enquanto ser, enquanto mulher. Suas crônicas dão voz a mulher, mostrando o lugar subalterno em que a sociedade a coloca. Chegamos a esse lugar pelo discurso interior, pela epifania.

O movimento epifânico é um movimento de autodescoberta, de consciência de si, talvez a epifania seja a realização do discurso interior. Por essa razão, o termo epifania deverá ser compreendido mediante a seguinte conceituação “[...] a epifania, o ponto comum é exatamente a existência de um instante luminoso, revelador, momento especial e modificador para o personagem, mesmo que fugaz” (RIBEIRO, 2020). No gênero crônica, a autora apresenta a epifania partindo de um tema/momento comum no qual leva a personagem a momentos de iluminação, revelação e questionamentos acerca de questões da existência humana.

Essa maneira particular de escrever, buscando envolver o leitor no enredo, levando-o a refletir e, muitas vezes, colocando-o ciente dos pensamentos e/ou questionamentos vivenciados pelos personagens, caracteriza o microdiálogo presente em suas crônicas. A autora busca dialogar com o leitor e, para isso, muitas vezes, se utiliza de monólogos interiores que revelam o interior de seus personagens, seus pensamentos, suas ideias, seus questionamentos. Segundo Gonzaga (2012, p. 437), percebe-se uma

Utilização constante do monólogo interior, isto é, de um monólogo não pronunciado, que se desenrola apenas na mente dos personagens. O monólogo interior, em sua acepção plena, expõe labirínticos *fluxos de consciência* dos personagens, permitindo ao ficcionista o registro dos conteúdos mais sutis e profundos da alma humana.

Devemos considerar a epifania enquanto uma revelação a partir de um fato aparentemente banal como um cisco no olho e leva a reflexão sobre a relação entre potência e fragilidade como na crônica, demonstrando que a epifania é “a existência de um instante luminoso, revelador, momento especial e modificador para a personagem, mesmo que seja fugaz” (RIBEIRO, 2020).

Clarice Lispector publicou a crônica *Potência e fragilidade* em 21 de outubro de 1967 no *Jornal do Brasil*. O título da crônica já prenuncia a temática que será abordada pela autora: potências e fragilidade da existência humana. No entanto, ela parte de algo comum: um

cisco no olho para refletir sobre questões existenciais que revelam a relação entre a fragilidade e a potência humana. A autora inicia relatando sobre uma dor intolerável no olho que a faz vê o mundo turvo, expõe a dificuldade de enxergar e percebe que outros objetos estranhos já entram no mesmo olho, o esquerdo. Essa percepção a leva a questionar ao médico porque isso ocorria sempre no mesmo olho esquerdo e se foi apenas uma coincidência. No entanto, o médico informa que não é coincidência, pois todos têm um “olho diretor” – um olho que mais vê – que é mais sensível e, por isso, *prende o corpo estranho não o expulsa*. A constatação de que o olho que melhor enxerga é o que mais sofre leva a escritora, a partir de uma analogia, se questionar se o mesmo ocorre com as pessoas: se vê melhor, se é mais potente, conseqüentemente, sofrerá e sentirá mais. Finaliza o texto deixando em aberto a analogia suscitada e afirmando que ficou pensativa.

A crônica *Potência e fragilidade*, como é característico nesse gênero, inicia a partir de algo comum, do cotidiano, como é o incômodo causado por um objeto estranho no olho e, a partir dele, a autora traz algumas reflexões, pensamentos e, por fim, uma revelação a partir da percepção que geralmente o cisco entrava no mesmo olho, o esquerdo, ao questionar ao oftalmologista, ele informa que “*um olho vê mais que o outro e por isso é mais sensível. Chamou de “olho diretor”. E, por ser mais sensível, disse ele, prende o corpo estranho, não o expulsa*”. A partir dessa informação se percebe o momento epifânico em que a personagem se encontra ao se questionar: “*Será que é só com olhos que isso acontece? Será que a pessoa que mais vê, portanto a mais potente, é a que mais sente e sofre*”. Percebe-se nesse trecho a voz da autora, ao mesmo tempo em que acrescenta uma avaliação. A autora narradora convoca o leitor a ampliar o olhar em relação à vida. É nesse momento de revelação em que se encontra a epifania, a revelação, a tomada de consciência sobre a relação entre potência e fragilidade, levando-a a refletir sobre essa questão, conforme o trecho: “*Fiquei pensativa*”.

A crônica *A surpresa* foi publicada *Jornal do Brasil* em 19 de agosto de 1967. Nessa crônica, a narradora ao olhar-se ao espelho fica deslumbrada com sua delicadeza e força; afirma que não há ser humano que não tenha olhado no espelho e ficado surpreendido consigo mesmo. A partir dessa visualização enquanto objeto a ser olhado, busca ecos da figura interior na imagem projetada no espelho, demonstrando assim a alegria de ser, de existir. Sendo assim, finaliza afirmando que não se imagina, mas existe.

Nessa crônica, o momento epifânico ocorre quando ao se olhar no espelho a autora narradora é surpreendida consigo afirmando que encontrou a “*Alegria de ser*” vivenciando um instante de “*alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é*

verdade que eu não me imaginei, eu existo”. Nesse instante, a autora-narradora toma consciência de sua existência no mundo, reconhecendo sua delicadeza e fortaleza de sua alegria de ser. Isso tudo ocorre a partir de um fato comum: olhar-se no espelho, o que demonstra a potência textual dessa escritora, que leva a contemplação de um momento tão grandioso, embora cotidiano. Sendo assim, compreende-se que:

O termo epifania significa o relato de uma experiência [...] que mostra toda a força de inusitada revelação. É a percepção de uma realidade atordoante quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam súbita iluminação na consciência dos figurantes [...] Ao dar-se a epifania, a consciência do indivíduo se abre para uma outra realidade (SANT’ANNA apud GONZAGA, p. 437, 2012).

A crônica *Morte de uma baleia* foi publicada no *Jornal do Brasil* em 17 de agosto de 1968. Essa crônica tem como temática a morte e a vida, como prenuncia o título. Ela é introduzida a partir da notícia sobre duas baleias que estavam agonizando nas praias do Leblon e do Leme, no Rio de Janeiro. A narradora afirma que sentiu um horror com os boatos sobre as baleias, mas que não queria ir vê-las pois detestava a morte, acreditava que todos, de alguma forma, já tinham experimentado o apocalipse da própria morte. Segue relatando sobre dois tipos de morte: a morte do corpo e a morte da alma.

Quando alma agonizava esperando a morte, o corpo florescia, e o inverso também ocorria, quando o corpo estava agonizando em dor, a alma desconhecia. A narradora relata que passou três dias entre a vida e a morte e que deseja visitar para que pudesse se distrair da dor terrível do corpo, sem percepção do estado em que estava, sentia que a “alma florescia como um cacto”.

Nesse estado entre a vida e a morte, a narradora percebe que em uma fração de segundo pode vir uma vida, uma morte e uma vida de novo, percebe que sua alma e seu corpo conseguiram sobreviver; ao afirmar que a contagem do tempo em segundo nos diferencia do animal, sugere que Deus conte a vida humana em dois segundos: o de nascer e o de morrer, sendo assim, o intervalo entre esses segundos é a vida; acrescenta, ainda, outro tipo de morte, a morte de alegria considerada como suave e gloriosa. Continuava a relatar que odiava a morte e que não tinha ido ver a baleia, mas que as notícias continuavam a surgir como a de que a baleia tinha sido retalhada em vida e vendida para comer porque era uma carne mais barata e ótima de se comer; o que a levava a refletir por que será que não se espera nem a morte para comer outro ser, bem como se recusava acreditar que se comesse só porque era mais barato, era iguaria, só porque a fome humana é grande.

Enquanto refletia sobre essas questões, traz que o ser humano ainda não atingiu o nível de humano que se espera e que o que consiga atingir deve ser santificado, pois “desistir de nossa animalidade é um sacrifício”.

A crônica *Morte de uma baleia* demonstra que o microdiálogo está presente na escrita de forma expressa ou constitutiva, uma vez que está impregnado de discurso interior relato através do enredo dessa crônica. A partir de um ato cotidiano, como uma notícia, há a mobilização de uma reflexão sobre um fato da existência da autora. Sendo assim, como afirma Bakhtin (1997, p. 184), “todo o discurso do narrador está impregnado do diálogo interior: aqui todas as palavras se dirigem a si mesmas, ao universo e seu criador”.

Segundo Moraes (2012), Nunes propõe um procedimento da epifania em contos de Clarice Lispector que inicia quando a personagem vivencia uma *tensão conflitiva* que gera um *clímax* e finaliza com um *anticlímax* que normalmente leva o personagem a posição inicial, conforme expressa o fragmento abaixo:

A tensão conflitiva é, normalmente, provocada por um fato banal, uma cena do cotidiano, uma pessoa, um lugar, que será um intermediário entre o mundo e a “incompatibilidade latente” do personagem. Latente, porque essa visão ou concepção de mundo sempre existira, mas vem à tona num momento fugidio; a isso, então, ele chama de clímax, ou seja, o “momento privilegiado”, o confronto do personagem com o mundo. Em seguida, Nunes fala de um anticlímax: aqui a situação quase sempre retorna à sua posição original, isto é, o conflito volta ao estado de latência de onde saíra e o personagem retoma a rotina de sua vida (De Moraes, 2012).

Por outro lado, Moraes (2012) afirma que Sant’Anna propõe dois tipos de leitura dos contos, uma no nível *sintagmático* em que analisa o foco narrativo, o espaço e o tempo dos contos, e outra no nível *paradigmático*, em que o autor encontra a epifania como um dos elementos simbólicos recorrentes mediante o campo semântico recorrente da revelação, embora essa palavra não apareça. Sobre isso Sant’Anna (1973 apud De Moraes) afirma que: “Em Clarice a palavra epifania não aparece, mas toda atmosfera se circunscreve por outros vocábulos e pelo ritual da própria escrita. Vocábulos surgem explicitando o campo semântico da revelação”.

Observarmos a construção do campo semântico da revelação, quando Sant’Anna (apud De Moraes, 2012) aponta vocábulos referenciadores da epifania como *náusea*, *crise*, *inferno*, *mensagem*, *assassinato*, *cólera*, *crime*. Para a análise do procedimento epifânico, Sant’Anna (apud De Moraes, 2012) propõe um “quadro de funções” em que apresenta alguns passos para essa análise: 1) colocação do personagem em uma dada situação; 2) preparação de

um evento ou incidente discretamente pressentido, a narrativa dá indícios que algo vai acontecer (equivale à tensão conflitiva para Nunes); 3) ocorrência do incidente ou evento (clímax); e, 4) desfecho em que se mostra ou se considera a situação do personagem após o evento ou incidente (anticlímax). Moraes sintetiza o quadro de funções para análise do processo epifânico de Sant’Anna:

[...] a primeira etapa consta da colocação do personagem numa determinada situação. Aqui fica um pouco mais clara a concepção de que, geralmente, o personagem experimenta o momento epifânico em fatos comuns do seu dia a dia, ou seja, é o personagem inserido num contexto comum e usual. - a segunda etapa é a preparação de um evento ou incidente discretamente pressentido. É quando o personagem inicia o processo e a narrativa dá indícios de que algo está para acontecer. O que corresponderia à tensão conflitiva definida por Nunes. - a terceira etapa, o autor a denomina como ocorrência do incidente ou evento. É o ponto-chave da epifania, o clímax, diríamos. - e finalmente, a quarta etapa, que ele chama de desfecho em que se mostra ou se considera a situação do personagem após o evento ou incidente. Em Nunes, identificaríamos esse momento como anticlímax (SANT’ANNA, 1973 apud DE MORAES).

Embora o gênero dessas proposições seja para o conto, tomaremos o “quadro de funções” de Sant’Anna como norteador para a análise do processo epifânico nas crônicas de Clarice Lispector por considerar uma aproximação na estrutura desses gêneros.

Para ilustrar essa análise, tomaremos como base a crônica *Potência e fragilidade* no quadro que se segue:

Quadro 1: Procedimento para análise do processo epifânico em crônicas

PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DO PROCESSO EPIFÂNICO EM CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR			
Passos	Crônicas		
	<i>Potência e fragilidade</i>	<i>A surpresa</i>	<i>Morte de uma baleia</i>
1. Colocação do personagem em uma dada situação	Entra um cisco no olho da personagem	A personagem olha-se no espelho.	A personagem recebe a notícia que uma baleia está agonizando.
2. Preparação de um evento ou incidente discretamente	O questionamento da personagem ao médico sobre o porquê disso ocorrer sempre com o mesmo olho	A personagem se deslumbra com a própria imagem.	A narradora afirma que sentiu um horror com os boatos sobre as baleias, mas que não

presentido (tensão conflitiva)			queria ir vê-las pois detestava a morte.
3. Ocorrência do incidente ou evento (clímax)	A confirmação de que o cisco entra no mesmo olho porque todos nós temos um “olho diretor”, que enxerga melhor e atrai o cisco, bem como a confirmação que é mais potente e frágil ao mesmo tempo.	A personagem tenta encontrar ecos da figura interior na figura exterior.	Analogia da morte da baleia com o tempo em que ficou entre a vida e a morte, bem como a percepção da animalidade do ser humano.
4. Desfecho em que se mostra ou se considera a situação do personagem após o evento ou incidente (anticlímax)	Após a percepção do fato, a personagem se encontra “pensativa”.	A percepção da existência e da alegria de ser	Após a reflexão sobre a vida e morte a narrador, embora ocorram muitas reflexões, não há mudança de comportamento.

Fonte: Elaborado pela autora 2023, adaptado de Sant’Anna.

A partir dessa síntese, podemos considerar a conceituação da palavra epifania de Affonso Romano de Sant’Anna (apud Ribeiro, 2020) como “um relato de experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação”. Podemos observar que a crônica *Morte de uma baleia* é constituída de epifania, uma vez que inicia a partir de um episódio cotidiano (notícia) que conduz para uma revelação sobre a existência humano através da temática da morte e as reflexões que são suscitadas a partir disso.

As experiências subjetivas possibilitadas mediante a leitura dessas crônicas permitem que o leitor/estudante amplie seu olhar sensível, estético em relação aos textos e a própria existência. A autora traz elementos da vida cotidiana sob uma perspectiva estética, profunda, que convoca ao leitor/estudante sentir o texto, a ampliar sua visão sobre a vida e sobre os fatos.

2.3. Oficina de leitura: uma proposta didática sob a perspectiva bakhtiniana

Relatamos a proposta de organização da oficina de leitura de crônicas de Clarice Lispector, considerando as relações dialógicas existentes entre texto/leitor/autora. Por acreditar que a linguagem singular, reflexiva, com fluxos de consciência dos personagens e epifania presentes na escrita da autora possam colaborar para desenvolvimento de atividades em que os estudantes explorem a leitura em uma abordagem discursiva, tomando como ponto de partida o conhecimento da vida da autora e seu estilo de escrita.

A trajetória de Clarice Lispector a situa fora dos padrões tradicionais da literatura brasileira. Desde sua estreia, a escritora desenvolveu um tipo de ficção inconfundível, assinalado por novos elementos temáticos e procedimentos narrativo: Interesse em desvelar a *existência subjetiva dos personagens*, relegando a história propriamente dita (a fabulação) a um plano secundário. Mais do que a intriga, predominam as inusitadas experiências psíquicas e as impressões fugidias dos personagens. Utilização constante do monólogo interior, isto é, de um monólogo não pronunciado, que se desenrola apenas na mente dos personagens. O monólogo interior, em sua acepção plena, expõe labirínticos *fluxos de consciência* dos personagens, permitindo ao ficcionista o registro dos conteúdos mais sutis e profundos da alma humana. O modo particular como a autora percebe e revela a realidade levou Affonso Romano de Sant'Anna a valer-se do termo *epifania* (Gonzaga, p. 437, 2012).

A escrita singular de Clarice Lispector ao apresentar as noções de fluxos de consciências, de existência subjetivas de seus personagens e da epifania em suas narrativas não lineares traz uma complexidade para a interpretação de seus textos. Os estudantes tendem a apresentar dificuldades de interpretação de textos nesse estilo de escrita.

Sob essa perspectiva, o ato de ler compreende a atualização dos sentidos presentes no enunciado mediante a percepção da realidade, da visão de mundo, dos saberes do leitor. A atualização dos sentidos acontece de maneira dialógica, pois a abertura a diversas possibilidades é uma característica importante nas crônicas de Clarice Lispector. Sobretudo, porque a autora busca um diálogo bem próximo com o leitor e o convida a refletir sobre a existência, configurando uma compreensão responsiva das crônicas.

Para Bakhtin (2016), o estilo é um componente inseparável da unidade de gênero do enunciado. Ao fazer isso, os estudiosos podem explorar como o estilo se desenvolve ao longo do tempo, como é influenciado por movimentos culturais e sociais, e como reflete as mudanças na comunicação e na sociedade em geral.

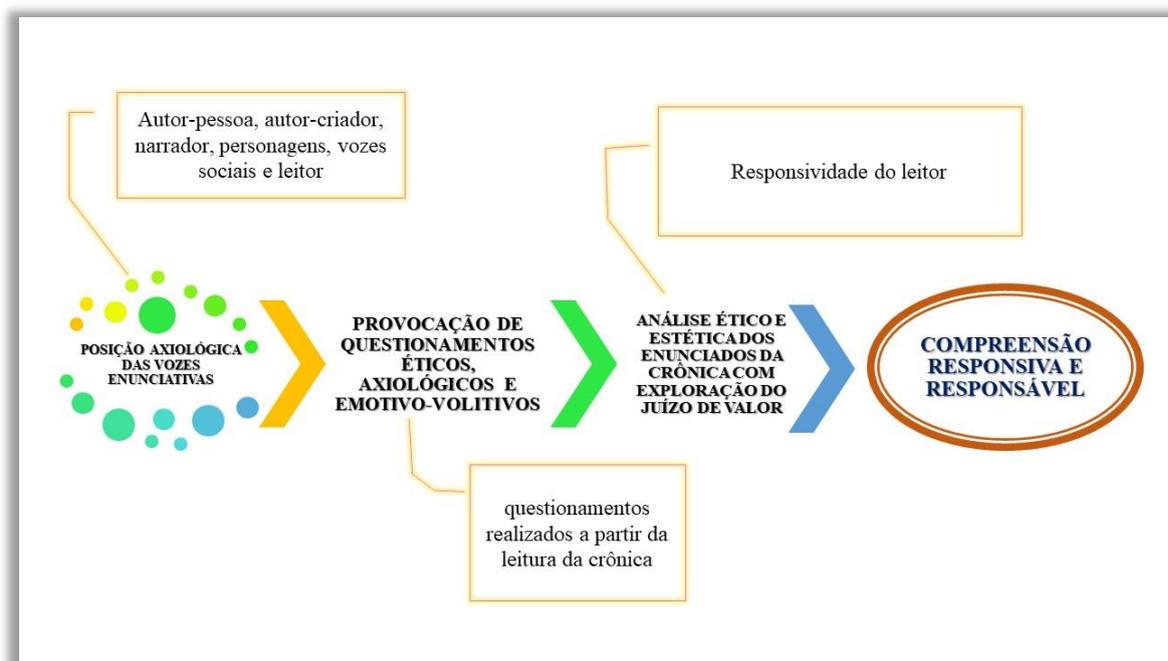
A interligação entre estilos de linguagem e gêneros discursivos é particularmente evidente na análise de questões históricas. As mudanças ao longo da história nos estilos de linguagem estão inextricavelmente vinculadas às transformações nos gêneros do discurso. Na literatura, a linguagem se apresenta como um sistema dinâmico e intrincado de estilos de linguagem, com o peso relativo e a interconexão desses estilos constantemente em evolução.

Inicialmente, o gênero crônica surgiu para relatar fatos históricos. Aqui no Brasil, surgiu com a Carta de Pero Vaz de Caminha, no decorrer do tempo a crônica deixa de ter esse caráter histórico e passa a ser de cunho jornalístico e literário. Esse gênero discursivo busca um diálogo próximo com o leitor, convidando-o a exercitar a compreensão ativa por meio das reflexões acerca da vida.

A abordagem de leitura de ressignificação valorada proposta por Carvalho (2023), com base na perspectiva bakhtiniana, visa criar um ambiente interativo e enriquecedor de diálogo entre o estudante ou leitor e o texto. Isso se reflete na estrutura sistematizada que Carvalho apresenta, que abrange várias dimensões do processo de leitura. Primeiramente, ao considerar a posição axiológica das vozes enunciativas, a leitura se torna um ato de reconhecimento e identificação com as diferentes perspectivas e valores que estão presentes no texto. Essa abertura para múltiplas vozes enriquece a compreensão, permitindo que o leitor se envolva em um diálogo ativo com as ideias apresentadas.

Além disso, a provocação de questionamentos éticos, axiológicos e emotivo-volitivos oferece aos leitores a oportunidade de refletir criticamente sobre o conteúdo do texto. Esses questionamentos não apenas estimulam o pensamento crítico, mas também incentivam uma avaliação reflexiva dos valores e emoções nas atividades de interação. Essa abordagem ampla da leitura não apenas promove a compreensão, mas também ajuda os leitores a desenvolver habilidades críticas e a se tornarem participantes ativos nas relações ético-discursivas. Em última análise, essa proposta de leitura bakhtiniana cria um espaço rico e dinâmico para a interação entre o leitor e o texto, enriquecendo a experiência de leitura e promovendo uma compreensão das relações dialógicas de maneira responsiva. Sintetizamos, a seguir, a proposta de leitura de ressignificação valorada desenvolvida por Carvalho (2023).

Quadro 2: Processo de ressignificação valorada com base em Carvalho (2023)



Fonte: Carvalho, 2023.

Conforme vimos, a proposta de leitura de ressignificação valorada pode ser compreendida da seguinte maneira: a) observação das posições axiológicas das vozes enunciativas, presentes no texto, corresponde ao autor-pessoa, autor-criador, narrador, personagens, vozes sociais e leitor; b) provocação de questionamentos éticos, axiológicos e emotivo-volitivos diz respeito aos questionamentos realizados a partir da leitura das crônicas; c) análise ética e estética da criação estética com exploração do juízo de valor do leitor se manifesta; d) compreensão responsiva e responsável por meio de diferentes registros orais e escritos, ou reescrita do gênero. Esse esquema representa as relações dialógicas suscitadas no durante a elaboração da proposta de oficina de leitura. Percebemos que houve um convite à assunção de uma posição responsiva frente aos enunciados – crônicas – explorando a presença do registro de posição respondente, frente aos questionamentos provocados.

De acordo com Carvalho (2023), a proposta de leitura de ressignificação valorada, sob a perspectiva bakhtiniana, tem a potencialidade de promover um diálogo aberto entre o leitor com sua vivência, as vozes enunciativas presentes no texto e o contexto de produção. Essa abordagem foi fundamental para o desenvolvimento das etapas de alcance a compreensão ativa.

Na primeira etapa desse processo, ocorreu a análise da posição enunciativa presente no texto. Isso significa considerar as diversas vozes que estão em jogo, incluindo o autor-pessoa, o autor-criador, o narrador, os personagens, as vozes sociais e o leitor. Compreender a posição

axiológica dessas vozes é fundamental, pois cada uma delas traz consigo valores, crenças e perspectivas que influenciam a interpretação do texto.

A segunda etapa consistiu na provocação de questionamentos éticos, axiológicos e emotivo-volitivos. Esses questionamentos foram gerados a partir da leitura do texto, visando estimular reflexões sobre os aspectos éticos, valores morais e emoções evocadas pela obra. Essa fase promoveu uma interação ativa do leitor com o conteúdo do texto.

A terceira etapa tem como princípio a análise ética e estética dos enunciados da crônica, com a exploração do juízo de valor. Aqui, o excedente de visão do leitor com base em suas experiências pessoais é essencial. As respostas e reflexões dos estudantes são registradas, seja por meio da transcrição de discussões em sala de aula, questionários físicos ou virtuais. Isso permite acompanhar o processo de compreensão e interpretação dos alunos.

Por fim, a quarta etapa visa alcançar a compreensão responsiva e responsável, ou seja, uma compreensão ativa do texto. Nesse estágio, observamos o diálogo entre o leitor e o texto, considerando as diferentes vozes, valores e questões éticas envolvidas. Isso resulta em uma compreensão que vai além da mera absorção passiva de informações, pois o leitor se torna um participante ativo.

Esse processo de sistematização da proposta, com base nos estudos bakhtinianos, é crucial para a formação de leitores críticos e reflexivos, capazes de engajar-se de forma significativa com a literatura com implicações éticas e valorativas dos textos que exploram.

3 PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, onde o método de estudo de caso foi empregado para investigar a leitura do gênero crônica sob uma perspectiva dialógica, explorando a posição responsiva do narrador, personagens e leitor diante de dilemas ético-axiológicos presentes em crônicas de cunho psicológico e existencial. Os pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa foram baseados nas obras de Bakhtin (2011) e Volóchinov (2018) para abordar as relações dialógicas, compreensão ativa e posição responsiva.

A coleta de dados foi realizada por meio de produções escritas dos participantes, transcrições de vídeos das atividades propostas durante a oficina de leitura literária e análise documental. Essas atividades foram estruturadas em seis momentos: sensibilização, leitura literária das crônicas, exploração dos discursos alheios, contextualização sobre Clarice Lispector, relação da autora com o gênero crônica e vivência literária respondente.

Nesta abordagem de pesquisa, a adoção do princípio da compreensão responsiva é fundamental para compreender como os leitores interagem com as crônicas e como ocorre a ressignificação valorada durante a leitura. A compreensão responsiva implica que os leitores não apenas absorvem passivamente o conteúdo do texto, mas também se envolvem ativamente com ele, respondendo, refletindo e avaliando os aspectos apresentados. Nesse contexto, duas categorias importantes que emergem são a empatia e a exotopia.

A empatia desempenha um papel crucial na capacidade de ressignificação valorada durante a leitura. Ela envolve a habilidade de se colocar no lugar do outro, compreender seus sentimentos, perspectivas e experiências. Ao ler crônicas que exploram dilemas ético-axiológicos e questões existenciais, os leitores podem desenvolver empatia pelos personagens e pelas situações descritas. Isso os leva a se envolver emocionalmente com o texto, a conectar suas próprias vivências e emoções às dos personagens e a refletir sobre as escolhas e decisões apresentadas. A empatia, portanto, influencia diretamente a ressignificação valorada, uma vez que os leitores avaliam os eventos do texto através de suas próprias lentes emocionais e valorativas.

A exotopia é outra categoria relevante nesse contexto. Ela se refere à capacidade de olhar de fora, de adotar uma perspectiva que vai além da visão pessoal e imediata. Quando os leitores adotam uma posição exotópica, eles são capazes de se distanciar do texto e dos personagens para avaliar criticamente as situações apresentadas. Isso permite uma análise mais

objetiva dos dilemas ético-axiológicos, das decisões tomadas pelos personagens e das implicações das escolhas feitas. A exotopia possibilita aos leitores considerar diferentes pontos de vista e questionar suas próprias crenças e valores, contribuindo assim para a ressignificação valorada do texto.

Ambas as categorias, empatia e exotopia, interagem de maneira complexa e sinérgica durante o processo de leitura, influenciando a forma como os leitores se relacionam com as crônicas e como interpretam e atribuem significados aos dilemas apresentados. A empatia permite que os leitores se conectem emocionalmente com os personagens e as situações, enquanto a exotopia lhes oferece uma perspectiva crítica e reflexiva que vai além de suas próprias experiências. Juntas, essas categorias contribuem para a compreensão responsiva e a ressignificação valorada, tornando a leitura das crônicas uma experiência enriquecedora e transformadora.

Portanto, ao adotar a compreensão responsiva como princípio norteador e considerar as categorias da empatia e da exotopia, esta pesquisa busca explorar de maneira mais profunda como os leitores se engajam com as crônicas, como reagem a dilemas ético-axiológicos e como atribuem significados pessoais e valorativos às narrativas apresentadas. Isso amplia a compreensão da dinâmica complexa da leitura valorada e ressignificada, oferecendo insights valiosos para o ensino da leitura literária e para a promoção do diálogo entre o “eu” e o “outro” no contexto das crônicas.

O enfoque deste trabalho será a crônica por entender que, embora nasça do cotidiano, traz sempre um olhar sensível para a realidade que pode levar a reflexão, pois a partir dela o leitor pode relacionar as suas próprias experiências para dar uma nova significação ao texto.

Sobre o gênero crônica, Lopes (2021) afirma que “[...] é muitas vezes uma apreciação crítica, um juízo de valor, uma narração de fatos/acontecimentos (reais, como pretexto, ou ficcionais), alternando entre a subjetividade literária e o relato de fatos. A crônica oferece reflexão e solicita reflexão”. As crônicas de Clarice Lispector convocam o leitor a refletir sobre questões existenciais, para então direcionar um olhar de ressignificação diante da incompletude.

Ao lê as crônicas o leitor vai se despidendo, desconstruindo certezas mediante das visões de mundo dadas. Para isso, a autora se utiliza de impressões, dúvidas e questionamentos sobre aspectos da temática abordada na crônica. Sendo assim, o sentido de um texto não é estático, é dialógico.

A abordagem metodológica está alicerçada no estudo de caso, uma vez que a investigação ocorre com o intuito de analisar uma prática pedagógica a partir da elaboração de um objeto de aprendizagem, denominado Oficina de leitura de crônicas para os estudantes do ensino fundamental em que o pesquisador busca propor possibilidades de resolução de problemas.

Sobre isso Telles (apud Thiollent, 2000, p.108), afirma que “[...] os estudos de caso, frequentemente descritivos (mas também podem ser narrativos), são utilizados quando o professor-pesquisador deseja enfatizar determinado evento pedagógico, componente ou fenômeno relativo à prática profissional”.

Assim, ao considerar que esta é uma pesquisa qualitativa, a análise dos dados ocorrerá seguindo os passos elencados abaixo:

- a) Produção de atividade de interpretação pela professora-pesquisadora;
- b) Aplicação da proposta de leitura compartilhada com compreensão ativa-dialógica e ressignificação dos sentidos da crônica para a vida dos estudantes, nos diálogos realizados na sala de aula, gravados em vídeo;
- c) Produção de registro de compreensão ativa a partir das leituras;
- d) Transcrição de momentos que revelam a compreensão ativa e dialógica na oficina de leitura, das aulas gravadas;
- e) Análise da compreensão dialógica compartilhadas e nos registros de compreensão ativa;
- f) Produção do caderno com as atividades e possíveis respostas elaborado pela professora-pesquisadora.

Esta pesquisa foi voltada para a realização de um estudo da leitura sob uma abordagem dialógica com o intuito de colaborar com a leitura de crônicas em uma classe de estudantes do 9º ano do ensino fundamental. Na sua implementação, adotamos como enfoque o estudo do gênero crônica para a realização de intervenção em uma turma do ensino fundamental por entender que, embora nasça do cotidiano, traz sempre um olhar sensível para realidade que pode levar a reflexão, pois a partir dela o leitor pode relacionar as suas próprias experiências para dar uma nova significação ao texto. Para tanto, seguiremos os seguintes passos: refletiremos sobre a natureza e o tipo de pesquisa; posteriormente, apontaremos o campo de pesquisa e os sujeitos envolvidos; em seguida, faremos a análise dos dados; por último apresentaremos, nos Apêndices, o Objeto de Aprendizagem desenvolvido a partir desta pesquisa.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Na realização desta oficina de leitura literária, os alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública em Cícero Dantas – BA, participaram de atividades de leitura compartilhada com crônicas de Clarice Lispector. Iniciamos sensibilizando os estudantes, despertando sua empatia com as crônicas por meio de abordagens temáticas que dialogavam com suas vivências. Esse primeiro momento estabeleceu uma conexão emocional entre os alunos e os textos, preparando o terreno para uma leitura mais profunda.

No segundo momento, os alunos se envolveram na leitura literária das crônicas, adotando uma abordagem dialógica que os levou a uma posição responsiva diante dos textos. Eles não apenas entenderam os elementos superficiais, mas também perceberam as epifanias ocultas que surgiram como provocação para a reflexão. Cada crônica se transformou em uma plataforma de ideias e sentimentos, incentivando os alunos a participar ativamente do processo de interpretação.

O terceiro momento permitiu que os alunos estabelecessem conexões entre os diferentes textos, revelando os discursos alheios presentes nas crônicas. Essa etapa ampliou suas perspectivas, mostrando como as narrativas se entrelaçam e interagem para construir um entendimento mais completo e complexo das temáticas abordadas.

O quarto momento proporcionou aos alunos um vislumbre da autora-pessoa, Clarice Lispector, o que os ajudou a compreender as motivações e contextos por trás de suas crônicas. Esse conhecimento enriqueceu sua apreciação das obras, ao perceberem a influência da vida da autora em suas criações literárias.

No quinto momento, os alunos exploraram a relação entre o gênero crônica e Clarice Lispector, compreendendo como sua trajetória pessoal se entrelaça com a escolha desse formato literário. Essa compreensão levou os alunos a uma apreciação mais profunda das nuances das crônicas e a uma percepção mais aguçada das mensagens subjacentes.

O sexto momento desafiou os alunos a se tornarem produtores literários respondentes, aplicando as técnicas aprendidas durante a oficina para criar suas próprias crônicas. Ao se envolverem ativamente na produção, os alunos experimentaram em primeira mão o processo criativo por trás das crônicas, aprofundando ainda mais sua compreensão e apreciação.

A oficina explorou a compreensão ativa das crônicas de Clarice Lispector. Os alunos ressignificaram de forma valorada os textos, enxergando neles não apenas palavras

escritas, mas também reflexões sobre a vida, a existência e os dilemas ético-axiológicos. Através dessa abordagem dialógica, os estudantes não apenas absorveram informações, mas também desenvolveram habilidades interpretativas e críticas que enriquecerão sua relação com a literatura e o mundo ao seu redor. Eles aprenderam a considerar múltiplas perspectivas, a avaliar as implicações dos discursos presentes nas crônicas e a articular suas opiniões de maneira fundamentada. Essas habilidades não se limitaram ao contexto literário, mas se estenderam para a esfera cotidiana, tornando-se ferramentas essenciais para interpretar e lidar com as complexidades do mundo ao seu redor.

Iniciamos a Oficina de leitura de crônica de Clarice Lispector sob uma perspectiva bakhtiniana com a sensibilização a partir da tirinha de Adão presente em *Um brasil*, que aborda a questão da invisibilidade social com o intuito de estabelecer relação com a ideia de empatia e pertencimento. Iniciamos com a leitura da tirinha e observando as linguagens, posteriormente a professora realiza questionamentos presentes no Objeto de Aprendizagem; essas perguntas de cunho ético-responsável-responsivo relacionadas à tirinha podem explorar a reflexão sobre os valores morais e a responsabilidade humana. Seguem alguns exemplos de questionamentos realizados: 01) A invisibilidade apresentada na tirinha revela ausência de quais valores éticos?; 02) De que maneira a tirinha nos convida a refletir sobre empatia?; 03) Com base na tirinha, o personagem que fala da invisibilidade se sente pertencente à sociedade?; 04) Como a empatia nos ajuda nas interações sociais? Para esses questionamentos, obtivemos respostas como a empatia “nos faz melhor, uma pessoa melhor” e serve para “gerar um ambiente mais saudável”; os valores éticos listados pelos estudantes foram a ausência de “compaixão”, “a gente não consegue ver o problema outro”, o personagem “não se sente pertencente”. A partir dessas respostas, é perceptível como os estudantes valoram os enunciados suscitados mediante os questionamentos por meio de suas experiências e conhecimentos prévios.

Dando seguimento, iniciamos a leitura da crônica *Pertencer* a partir da leitura do título e da busca de uma posição responsiva por parte dos estudante ao solicitar que escrevesse três palavras ou frases que completassem o sentido da frase: “acredito que a crônica *Pertencer* vai falar de...” Para esse questionamentos, obtivemos a seguinte resposta:

<p>“Pertencer, de Clarice Lispector, é uma crônica que reflete os medos e as incertezas da autora, em relação à uma profundidade maior interiormente. Eu recomendo pela mensagem contida, a reflexão.”;</p> <p style="text-align: right;">Estudante B.</p>
<p>“Sim, pois muitas pessoas passam por isso e seria muito bom elas saberem que não estão sozinhas”;</p> <p style="text-align: right;">Estudante C.</p>
<p>“Sim, essa crônica é de Clarice Lispector, recomendo, pois acredito que hoje em dia devido a vida cotidiana, muitas pessoas não pensam sobre isso, e, portanto, sua crônica lembra a nós o sentido de pertencer... para ela mesma, e assim pode nos incentivar a questionar e pensar sobre isso”.</p> <p style="text-align: right;">Estudante D.</p>

Podemos observar que os estudantes, ao serem convocados a responder, assumem um posicionamento ético-axiológico acerca da leitura da crônica, pois essas respostas levam em consideração a posição de autoria exercida por Clarice Lispector ao situar o leitor sobre quem escreveu a crônica.

A relação dialógica entre a crônica e os estudantes quando eles relatam que a “crônica lembra a nós o sentido de pertencer”, descrito pelo Estudante D; há também a presença de epifania, pois há de uma tomada de consciência, de uma iluminação a partir da crônica apresentada através da afirmação que “muitas pessoas passam por isso e seria muito bom elas saberem que não estão sozinhas”, relatada pelo Estudante C; observamos a ideia de “inspirar muitas pessoas” trazida pelo Estudante A, como uma compreensão valorada porque o estudante traz uma atualização de sentido para a crônica.

Na oficina de leitura de crônica, foi proposta uma atividade denominada de *vivência respondente* em que os estudantes deveriam escrever sobre a busca por identidade e pertencimento na adolescência, tomando como base a crônica *Pertencer* de Clarice Lispector, destacamos as seguintes respostas:

<p>A busca por identidade e pertencimento na adolescência</p> <p>A adolescência, para todas as pessoas, é um período de incertezas, receios, inseguranças e mudanças turbulentas. Não é diferente para mim. Procurando “encaixar-me”, olho a minha volta, mais tudo o que vejo é a superficialidade – rótulos, “pessoas descartáveis”, padrões exteriores – todos parecem apenas clones. Rejeito a proposta. Me recuso a avaliar alguém apenas por sua aparência, a relacionamentos rasos, a um padrão que extinguiu quem, de fato, você é.</p> <p>Portanto, sigo, entretanto que há coisas maiores em jogo, procurando mergulhar mais profundo. Arde em mim o desejo de pertencer, mas pertencer a algo real.</p> <p style="text-align: right;">Estudante E.</p>

O Estudante E se utiliza de uma linguagem introspectiva para expressar os desafios e conflitos internos enfrentados durante a adolescência. O uso de metáforas, como “encaixar-

me” e “mergulhar mais profundo”, contribui para transmitir a complexidade das questões abordadas.

A crítica à superficialidade é um ponto crucial no texto do Estudante E. Ele expressa sua rejeição aos rótulos, relacionamentos rasos e padrões exteriores que prevalecem na sociedade. Essa crítica demonstra uma postura de resistência às normas impostas e sugere uma busca por algo mais autêntico e significativo. O uso da expressão “padrão que extinguiu quem, de fato, você é” ressalta como as pressões sociais podem distorcer a verdadeira identidade do sujeito.

A leitura da crônica pode ter tido um impacto significativo no texto do aluno, visto que o próprio autor menciona a busca por pertencimento e identidade como temas centrais em seu texto. A crônica, ao explorar situações cotidianas de forma sensível e profunda, pode ter influenciado a maneira como o estudante aborda esses temas em sua escrita.

Pertencer

A adolescência é uma fase marcada pela necessidade de afirmar enquanto indivíduo versus a necessidade de pertencer. Por isso jovens sempre buscam seus grupos para ter acolhimento e aceitação. No entanto, essa convivência muitas vezes choca com a individualidade, gerando agressividade e preconceito.

Esses comportamentos, popularmente chamados de rebeldia adolescente, são comuns e fazem parte do desafio dos pais e professores na hora de lidar com esses jovens.

Estudante F.

O texto do Estudante F, cujo título é o mesmo de Clarice Lispector apresenta reflexões sobre a busca por pertencimento e a sensação de não pertencer em sua vida pessoal. Ao analisar o processo de ressignificação valorizado do aluno, em resposta à crônica, identifica pontos de contato com a crônica *Pertencer* de Clarice Lispector: o aluno demonstra empatia ao compreender a dualidade da busca pelo pertencimento e pela afirmação individual na adolescência. A compreensão dos sentimentos do personagem da crônica, como a “fome de mim dar a algo ou a alguém”, reflete a capacidade de se colocar no lugar do outro.

O registro do aluno aborda a dicotomia entre a necessidade da afirmação individual e a busca por pertencimento na adolescência. Seu texto reflete os desafios enfrentados pelos jovens ao tentar equilibrar sua identidade pessoal com a necessidade de serem aceitos por um grupo.

Ao refletir sobre os conflitos apresentados na crônica, o aluno pode se engajar em uma reflexão ética e axiológica. Ele pode ponderar sobre a natureza dos comportamentos de rebeldia e preconceito entre os jovens, considerando as implicações morais dessas atitudes. O

Estudante F, ao ler a crônica *Pertencer*, demonstrou a capacidade de realizar procedimentos exotópicos, ou seja, de se colocar no lugar dos personagens e compreender suas emoções e perspectivas. A crônica aborda a dualidade entre afirmar a individualidade e a necessidade de pertencer a grupos. O aluno pode ter se identificado com os sentimentos dos jovens envolvidos no texto, entendendo suas lutas internas diante da questão da aceitação nos diferentes grupos sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que este trabalho explorou uma investigação sobre a leitura de crônicas de Clarice Lispector, incorporando os princípios da compreensão ativa e os procedimentos de ressignificação valorada. Nas crônicas *Pertencer* e *Ser cronista*, nos identificamos com a busca por pertencimento e a luta contra rótulos e padrões impostos pela sociedade. Foi surpreendente perceber que, muitas vezes, o verdadeiro pertencimento está em aceitar a nossa individualidade e não em se encaixar em moldes preestabelecidos. Essa epifania nos fez questionar a importância de ser autêntico com nós mesmos.

Na crônica *Potência e fragilidade*, nos deparamos com a dualidade dentro de cada um de nós: a força e a vulnerabilidade, o que nos torna humanos e complexos. A epifania aqui foi a percepção de que não precisamos escolher entre ser forte ou frágil, mas podemos abraçar ambos os aspectos e encontrar equilíbrio em nossa própria natureza.

A crônica *A surpresa* nos levou a enxergar além das aparências e descobrir a profundidade que cada indivíduo carrega. Percebemos que por trás de cada pessoa existe uma riqueza de histórias e experiências que muitas vezes não são visíveis à primeira vista. A epifania nesse caso foi a sensação de conexão humana ao reconhecer essa profundidade compartilhada por todos.

O enfoque qualitativo e a abordagem de estudo de caso permitiram a compreensão profunda das conexões entre os enunciados e as reações emotivas e valorativas dos leitores-alunos. O princípio da compreensão responsiva, ancorado nas categorias de empatia e exotopia, tornou-se a base da oficina de leitura, incentivando os alunos a explorar suas próprias experiências e perspectivas em relação aos temas abordados nas crônicas. Os resultados obtidos revelaram a capacidade dos alunos de estabelecer uma conexão significativa entre os textos e suas próprias vidas, enriquecendo a compreensão ética e estética das crônicas de Clarice Lispector.

A proposta da oficina de leitura valorizou não apenas a compreensão ativa e responsiva dos alunos, mas também a capacidade de ressignificação valorada dos enunciados, evidenciando o potencial transformador da literatura na construção de significados e reflexões. Ao aliar a criação estética da autora à vivência dos estudantes, a oficina proporcionou um espaço para a exploração de questões valorativas no âmbito ético-estético, promovendo uma compreensão mais profunda e enriquecedora das crônicas de Clarice Lispector. Dessa forma, o trabalho contribui para promover o diálogo entre literatura, experiência pessoal e reflexão

crítica, ressaltando a importância da leitura como uma ferramenta que transcende a discussão temática no plano social, apresentando a complexidade do mundo interior e exterior.

A metodologia dessa oficina, que foi estruturada para provocar empatia, fomentar a análise crítica e estimular a criação literária, culminou em uma experiência transformadora. A conexão entre os elementos da leitura literária bakhtiniana – autor, leitor e texto – ganhou vida, enriquecendo a compreensão dos alunos sobre si mesmos e sobre o mundo ao redor. As crônicas de Clarice Lispector, com suas epifanias e profundidades, serviram como faróis para explorar a essência da adolescência e da busca por identidade e pertencimento.

Nessa jornada, os alunos transcenderam o papel de meros espectadores, tornando-se coautores de suas próprias experiências literárias. O legado dessa oficina reside não apenas na promoção da compreensão ativa das crônicas de Clarice Lispector, mas também na habilidade cultivada pelos alunos de ressignificar suas vivências e reflexões de maneira valorada. Assim, o encontro entre as palavras da autora e a sensibilidade dos estudantes se converteu em um diálogo enriquecedor, iluminando o caminho da autodescoberta a partir das relações dialógicas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 159 p.
- CARVALHO, José Ricardo. A consciência individual e o signo ideológico: uma leitura dos estudos de Volóchinov. **Revista Eutomia**, v. 1, n. 27, p. 307-324, 2020.
- CARVALHO, José Ricardo. A leitura e o domínio da capacidade de ressignificação valorativa do texto literário em abordagem bakhtiniana. In: CARVALHO, José Ricardo Carvalho... [et al.]. **Agir de linguagem na escola e na universidade** [no prelo] São Luís: EDUFMA, 2023.
- CARVALHO, José Ricardo. Capacidades de linguagem específicas para o domínio da leitura sob a abordagem do ISD. In: CARVALHO, José Ricardo et al. **Agir de linguagem na escola e na universidade** [recurso eletrônico]. São Luís: EDUFMA, 2021.
- DE MORAES, R. M. A. Epifania e “crise”: uma análise comparativa em obras de Clarice Lispector e Marguerite Duras. **Revista Odisseia**, [S. l.], n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2056>. Acesso em: 13 set. 2023.
- FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, 2011.
- GONZAGA, Sergius. **Curso de literatura brasileira**. 5. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.
- LISPECTOR, Clarice [Correspondência]. Destinatarário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 3 de junho de 1942. O direito de ser brasileira. **Correio IMS**. Instituto Moreira Sales. Disponível em: <https://correio.ims.com.br/carta/o-direito-de-ser-brasileira/>. Acesso em: 13 set. 2023.
- LOPES, Paula Cristina. **A crônica (nos jornais): o que foi? o que é?**. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-chronica-lobes.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- RIBEIRO, Nathalia Leandra. **A epifania no conto “O búfalo” de Clarice Lispector**. Even3 Publicações, abr. 2020. DOI: <http://doi.org/10.29327/714211>. Acesso em: 18 set 2023.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- VASQUEZ, Pedro Karp (org.). **Clarice Lispector: todas as crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentim. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018.

APÊNDICE



PROFLETRAS



CAPES

OFICINA DE LEITURA DE CRÔNICA
DE CLARICE LISPECTOR SOB UMA
PERSPECTIVA BAKHTINIANA:



CRÔNICAS PERTENCER E
POTÊNCIA E FRAGILIDADE

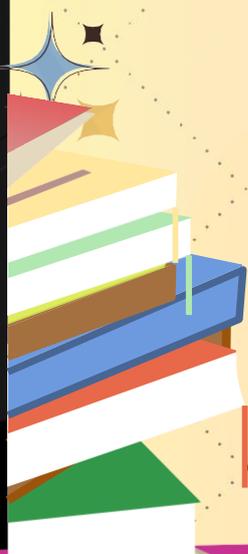


MESTRANDA EDIJANE OLIVEIRA SANTOS
PROF. DR. JOSÉ RICARDO DE CARVALHO SILVA

MESTRANDA EDIJANE OLIVEIRA SANTOS
PROF. DR. JOSÉ RICARDO DE CARVALHO SILVA

OFICINA DE LEITURA DE CRÔNICA
DE CLARICE LISPECTOR SOB UMA
PERSPECTIVA BAKHTINIANA:

CRÔNICAS PERTENCER E
POTÊNCIA E FRAGILIDADE



**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237r

Santos, Edijane Oliveira

Relações dialógicas e epifânicas em crônicas de Clarice Lispector/
Edijane Oliveira Santos; orientação: José Ricardo Carvalho da Silva. –
Itabaiana, 2023.

48 f.; il.

Anexo: (caderno de aprendizagem) Oficina de leitura de crônica de
Clarice Lispector sob uma perspectiva bakhtiniana: crônica pertencer e
potência e fragilidade.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade
Federal de Sergipe, 2023.

2. Língua portuguesa. 2. Leitura. 3. Epifania. 4. Compreensão 5.
Lispector, Clarice, 1920-1977 – Crítica e interpretações. I. Silva, José
Ricardo Carvalho da. (org.). II. Título.

CDU 821.3(81).09

Apresentação

Caro(a) Professor e Professora,

Esta oficina de leitura literária é fruto do trabalho de pesquisa desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Letras em Rede – Profletras, aplicado em uma turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Cícero Dantas – Ba.

Nesta pesquisa, temos como proposta o estudo da leitura do gênero crônica sob uma abordagem dialógica que explore a posição responsiva frente a dilemas ético-axiológicos representados em crônicas de cunho psicológico e existencial. As discussões sobre temas sociais, valores e relação entre os sujeitos no universo da esfera íntima é pouco explorado na escola. Tais propostas de leitura promovem o autoconhecimento e o respeito as diferenças individuais. Apesar de nos assumirmos como sujeitos sociais, ocupamos, em nossas vidas, particularidades e conflitos que muitas vezes são representados na literatura. Observamos que existem muitas crônicas que assumem esse prisma, explorando temas da vida cotidiana de forma sensível e questionadora, trazendo um olhar singular sobre os acontecimentos. Devemos considerar, portanto que “ a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011, p.265). Nessa perspectiva, elencamos três elementos importantes para a leitura literária sob a perspectiva bakhtiniana: o autor e o seu processo de construção; o leitor com sua vivência; e, o texto que representa acontecimentos, experiências de vida e discursos que provocam reações e posicionamentos ético-axiológico diante dos temas e conteúdos abordados.

Nesse sentido, organizaremos esta oficina de leitura da seguinte maneira:

1º momento – sensibilização – busca traçar/suscitar uma relação de empatia com a crônica trabalhada mediante abordagem que dialoga com a temática;

2º e 3º momentos – leitura literária das crônicas – realização de leitura literária dialógica visando uma posição responsiva dos estudantes, bem como apontando para a percepção das epifanias como elementos que suscita essa posição respondente; Este momento é realizado com cada crônica proposta;

4º momento – discursos alheios – relação entre os textos;

5º momento – um pouco de Clarice Lispector – conhecer um pouco da autora-pessoa; 6º momento – Vivência literária respondente – proposta de produção.

Por fim, almejamos que esta oficina de leitura literária colabore para a promoção da compreensão ativa de crônicas de Clarice Lispector.

Abraços fraternos!!





Sumário



1º momento - Sensibilização

6

8

2º momento - Leitura da crônica *Pertencer*



3º momento - Leitura da crônica *Potência e Fragilidade*

18

22

4º momento - Discursos alheios



5º momento - Um pouco de Clarice Lispector

23

27

6º momento - O gênero crônica e Clarice Lispector



7º momento - Vivência literária respondente

28

Referências



1º momento - Sensibilização

Professor(a), as perguntas ético-responsável-responsivas relacionadas à tirinha podem explorar a reflexão sobre os valores morais e a responsabilidade humana. Esses questionamentos devem ser realizados oralmente em uma roda de conversa.

Observe a tirinha abaixo de Adão presente na página UM BRASIL:



PERGUNTAS PROVOCADORAS PARA A COMPREENSÃO ÉTICA NA RELAÇÃO DA TIRINHA.

01. Um dos personagens afirma que tem o poder da invisibilidade. Por que ele afirma isso?
02. A invisibilidade apresentada na tirinha revela a ausência de quais valores éticos?
03. De que maneira a tirinha nos convida a refletir sobre empatia?
04. Quais lições podemos retirar da tirinha que podem ser aplicadas em nossas vidas?
05. Como a tirinha nos ajuda a sermos responsivos com as dores e lutas dos outros?
06. Com base na tirinha, o personagem que fala da invisibilidade, se sente pertencente a sociedade?



Orientações

Professor(a),

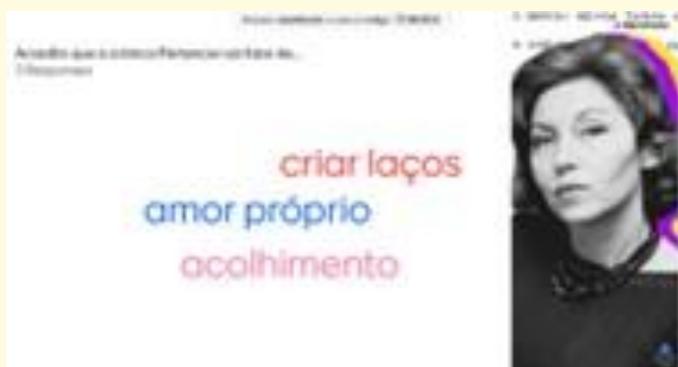
A leitura deve ser iniciada da seguinte maneira:

1º Leia apenas o título;

2º Solicite aos estudantes que respondam, no aplicativo mentimeter, escrevendo 03 palavras e/ou frase que completem o sentido da frase “Acredito que a crônica Pertencer vai falar de...” Para isso, solicite que os estudantes apontem a câmera do celular para o QR code abaixo:



Terá como resultado uma nuvem de palavras que respondem ao enunciador, por exemplo:



Clique aqui que terá acesso aos passos para realizar a ação anterior:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeM5dFdygeSaq6xlq0QML56D-vJQjlFE_Ydus40LHIK7DUDtQ/viewform?usp=sharing

3º Para continuar a leitura solicite que, inicialmente, os estudantes realizem uma leitura silenciosa para que eles possam ter o primeiro contato com a crônica.

4º Posteriormente, realize a leitura compartilhada com os estudantes. Nesse passo você pode apresentar também a leitura através do vídeo abaixo:



5º Por fim, proponha aos estudantes a responder questões acerca da crônica a partir de desafio literário.

2º momento – Leitura literária da crônica *Pertencer*

PERTENCER

Um amigo, médico, assegurou-me que desde o berço a criança sente o ambiente, a criança quer: nela o ser humano no berço mesmo já começou.

Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça.

Se no berço experimentei essa fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino. A ponto de meu coração se contrair de inveja e desejo quando vejo uma freira: ela pertence a Deus.

Exatamente porque é tão forte em mim a fome de me dar a algo ou a alguém, é que me tornei bastante arisca: tenho medo de revelar de quanto preciso e de como sou pobre. Sou, sim. Muito pobre. Só tenho um corpo e uma alma. E preciso de mais do que isso. Quem sabe se comecei a escrever tão cedo na vida porque, escrevendo, pelo menos eu pertencia um pouco a mim mesma. O que é um fac-símile triste.

Com o tempo, sobretudo os últimos anos, perdi o jeito de ser gente. Não sei mais como se é. E uma espécie toda nova da “solidão de não pertencer” começou a me invadir como heras num muro.

Se meu desejo mais antigo é o de pertencer, por que então nunca fiz parte de clubes ou associações? Porque não é isso que eu chamo de pertencer. O que eu queria, e não posso, é por exemplo que tudo o que me viesse de bom de dentro de mim eu pudesse dar àquilo que eu pertencesse. Mesmo minhas alegrias, como são solitárias às vezes. E uma alegria solitária pode se tornar patética. É como ficar com um presente todo embrulhado com papel enfeitado de presente nas mãos – e não ter a quem dizer: tome, é seu, abra-o! Não querendo me ver em situações patéticas e, por uma espécie de contenção, evitando o tom de tragédia, então raramente embrulho com papel de presente os meus sentimentos.



2º momento – Leitura literária da crônica *Pertencer*

Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força – eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa. Embora eu tenha uma alegria: pertenço, por exemplo, a meu país, e como milhões de outras pessoas sou a ele tão pertencente a ponto de ser brasileira. E eu que, muito sinceramente, jamais desejei ou desejaria a popularidade – sou individualista demais para que pudesse suportar a invasão de que uma pessoa popular é vítima – , eu, que não quero a popularidade, sinto-me no entanto feliz de pertencer à literatura brasileira. Não, não é por orgulho, nem por motivos que nada têm a ver com literatura, pois nem ao menos sou literata ou uma intelectual. Feliz apenas por “fazer parte”.

Quase consigo me visualizar no berço, quase consigo reproduzir em mim a vaga e no entanto premente sensação de precisar pertencer. Por motivos que nem minha mãe nem meu pai podiam controlar, eu nasci e fiquei apenas: nascida.

No entanto fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas eu, eu não me perdo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. Eu nem podia confiar a alguém essa espécie de solidão de não pertencer porque, como desertor, eu tinha o segredo da fuga que por vergonha não podia ser conhecido.

A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sôfrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é deserto mesmo que caminho.

Clarice Lispector, em *Jornal do Brasil* de 15 de junho de 1968.



Orientações

Professor(a), realize o desafio literário da seguinte maneira:

1º organize os estudantes em círculo;

2º informe aos estudantes que deverão passar um objeto entre eles enquanto a crônica está sendo reproduzida;

3º Professor, você deve ficar de costas e parar de maneira aleatória o áudio da crônica. O estudante que estiver com o objeto em mãos deverá escolher uma das questões para responder;

4º A cada questão dialoga com a turma.

Estas questões poderão ser realizadas através da plataforma google forms, clique no link para se tornar um coautor e realizar sua cópia:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeb03vUd2lGGNuxrvaOAsNE3dNNguvi3FLgr660un4f7wtUKw/viewform?usp=sharing>

Para os estudantes será utilizado este link: <https://forms.gle/7g9Z7M18johaT2rT9>

As questões poderão ser realizadas através da plataforma google forms, clique no link para se tornar um coautor e realizar sua cópia:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeb03vUd2lGGNuxrvaOAsNE3dNNguvi3FLgr660un4f7wtUKw/viewform?usp=sharing>

Para os estudantes será utilizado este link: <https://forms.gle/7g9Z7M18johaT2rT9>



2º momento - Leitura literária da crônica Pertencer

DESAFIO LITERÁRIO

01. Qual é o tema central abordado na crônica “Pertencer” de Clarice Lispector?

- a) A importância da individualidade na sociedade
- b) A busca por identidade e pertencimento**
- c) A solidão como parte intrínseca da existência humana
- d) A relação entre a autora e a literatura

02. Como a autora descreve sua fome de pertencer ao longo da vida?

- a) Como uma fraqueza que a impede de ser independente.
- b) Como uma busca por pessoas ou grupos mais fortes.
- b) Como uma necessidade humana que a acompanha desde o berço**
- d) como uma forma de suprir suas carências emocionais.

03. Por que a autora se tornou arisca em relação ao pertencimento?

- a) Por medo de revelar suas fraquezas e necessidades.**
- b) Por não encontrar pessoas ou grupos com quem se identificar.
- c) Por ter experiências negativas ao tentar pertencer.
- d) Por preferir viver de forma independente e isolada.

04. Qual a diferença que a autora faz entre pertencer a clubes ou associações e seu conceito pessoal de pertencimento?

- a) Clubes e associações proporcionam uma conexão mais profunda do que o conceito pessoal de pertencimento.
- b) Clubes e associações são formas superficiais de pertencimento, enquanto seu conceito pessoal envolve uma conexão autêntica.**
- c) Clubes e associações são mais importantes para a autora do que seu conceito pessoal de pertencimento.
- d) Clubes e associações não têm relação com o pertencimento descrito pela autora

05. Qual é a importância de pertencer a seu país e à literatura brasileira para a autora?

- a) Ela sente orgulho de pertencer a seu país e à literatura brasileira.
- b) Pertencer a seu país e à literatura brasileira é uma forma de popularidade para a autora.
- c) Ela busca pertencer a seu país e à literatura brasileira para suprir suas carências emocionais.
- d) Pertencer a seu país e à literatura brasileira traz alegria e felicidade à autora.**



2º momento – Leitura literária da crônica *Pertencer*

DESAFIO LITERÁRIO

06. Qual é a importância do sentimento de pertencimento na vida da autora, de acordo com o texto?

Gabarito: O sentimento de pertencimento é extremamente importante para a autora, pois ela descreve uma fome humana de pertencer desde o berço. Ela sente essa necessidade ao longo da vida e a considera como parte de sua própria existência. Ela busca pertencer a algo ou alguém para preencher essa lacuna em sua vida.

07. Como a autora descreve sua busca por pertencimento ao longo da vida?

Gabarito: A autora descreve sua busca por pertencimento como uma fome intensa que a acompanha desde o berço. Ela sente o desejo de pertencer a algo ou alguém, mas também tem medo de revelar o quanto precisa e de como se sente pobre. Ela se tornou arisca e evita mostrar suas necessidades, mas busca uma forma de pertencimento através da escrita, onde pelo menos pertence a si mesma.

08. Quais são os sentimentos e emoções que surgem quando a autora se depara com pessoas ou coisas às quais ela sente que pertence?

Gabarito: A autora descreve que seu coração se contrai de inveja e desejo quando ela vê uma freira, pois a freira pertence a Deus. Ela experimenta sentimentos de alegria e felicidade ao pertencer ao seu país e à literatura brasileira. No entanto, ela também menciona que suas alegrias são solitárias às vezes e que a falta de alguém ou algo para compartilhá-las pode torná-las patéticas.

Qual é a relação entre a necessidade de pertencer e a expressão artística da autora, especificamente a escrita?

Gabarito: A autora sugere que a necessidade de pertencer está relacionada à expressão artística, especialmente à escrita. Ela menciona que talvez tenha começado a escrever tão cedo na vida porque, ao escrever, pelo menos ela pertencia um pouco a si mesma. A escrita se torna uma forma de pertencimento e de se expressar, onde ela pode compartilhar suas emoções, pensamentos e experiências.



2º momento - Leitura literária da crônica *Pertencer*

DESAFIO LITERÁRIO

10. Explique a diferença que a autora faz entre pertencer a clubes ou associações e seu conceito pessoal de pertencimento.

Gabarito: A autora distingue entre pertencer a clubes ou associações e seu conceito pessoal de pertencimento. Para ela, o pertencimento verdadeiro não se limita a simplesmente participar de grupos sociais, mas envolve uma conexão profunda e autêntica com algo ou alguém. Ela expressa o desejo de poder dar tudo o que vem de bom dentro dela para aquilo a que ela pertence, e essa troca emocional não está presente nas associações superficiais.

11. Como a autora descreve sua experiência de solidão e não pertencimento? Quais são as consequências desse sentimento em sua vida?

Gabarito: A autora descreve a experiência de solidão e não pertencimento como uma invasão que a afeta intensamente. Ela menciona que perdeu o jeito de ser gente e não sabe mais como é. Ela se sente invadida por uma nova forma de solidão, como heras que crescem em um muro. Essa solidão afeta sua vida e a torna arisca, com medo de revelar suas necessidades e de se mostrar pobre. Ela evita situações patéticas e raramente compartilha seus sentimentos com os outros.

12. Qual é a importância de pertencer a seu país e à literatura brasileira para a autora?

Gabarito: A autora expressa a importância de pertencer a seu país e à literatura brasileira em sua vida. Ela se sente feliz por fazer parte da literatura brasileira, mesmo não sendo literata ou intelectual. Ela não busca popularidade, mas sente um sentimento de pertencimento à literatura brasileira que a realiza. Pertencer ao seu país e à literatura é uma fonte de alegria e felicidade para ela.



2º momento – Leitura Literária da crônica *Pertencer*

DESAFIO LITERÁRIO

13. De que forma a autora se relaciona com a expectativa de curar sua mãe? Como essa experiência afeta seu sentimento de pertencimento?

Gabarito: A autora expressa uma carga de culpa em relação à expectativa de curar sua mãe. Ela menciona que foi criada com amor e esperança, acreditando que seu nascimento poderia curar sua mãe, que já estava doente. No entanto, ela sente que não cumpriu essa missão e se sente como uma desertora que traiu a grande esperança depositada nela. Essa experiência de não poder cumprir essa expectativa afeta seu sentimento de pertencimento, gerando um sentimento de culpa e solidão.

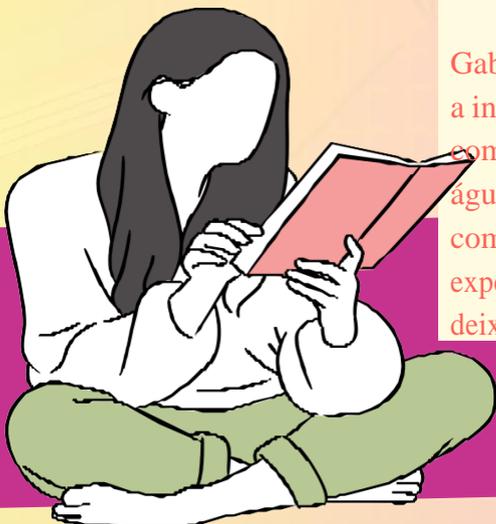


14. Como a autora define pertencer e qual é a relação dessa experiência com sua própria existência?

Gabarito: A autora define pertencer como uma necessidade fundamental e humana que está presente desde o nascimento. Ela sente que sua primeira vontade no berço foi a de pertencer, e essa fome de pertencer a acompanha ao longo da vida. Pertencer é uma parte essencial de sua existência, e ela busca preencher essa necessidade através de diferentes formas de pertencimento, como a escrita e sua ligação com seu país e a literatura.

15. Explique o significado da metáfora da sede e do deserto no contexto do pertencimento, conforme apresentado no final da crônica.

Gabarito: A metáfora da sede e do deserto é utilizada pela autora para expressar a intensidade do desejo de pertencer. Ela compara sua busca por pertencimento com a sede de alguém que está no deserto e bebe sôfrego os últimos goles de água de um cantil. A autora sugere que pertencer é essencial para a vida, assim como a água é essencial para saciar a sede. No entanto, mesmo que ela experimente momentos de pertencimento, essa sede de pertencer continua a surgir, deixando-a em um caminho desértico onde ainda busca encontrar seu lugar.



2º momento - Leitura literária da crônica *Pertencer*

QUESTÕES DIALÓGICAS

1. Identifique dois momentos da crônica em que a autora expressa sua necessidade de pertencer. Em seguida, discuta como esses momentos dialogam entre si.

Gabarito:

Momento 1: "Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer."

Momento 2: "Exatamente porque é tão forte em mim a fome de me dar a algo ou a alguém, é que me tornei bastante arisca: tenho medo de revelar de quanto preciso e de como sou pobre."

Esses dois momentos dialogam entre si ao revelar a natureza profunda e constante da necessidade de pertencer na vida da autora. No primeiro momento, ela remonta suas origens e afirma que sua primeira vontade foi a de pertencer, demonstrando que essa fome de pertencimento está enraizada em sua essência desde o início. Já no segundo momento, a autora revela que essa fome continua a acompanhá-la ao longo da vida, mas ela desenvolveu uma aridez em relação ao pertencimento, temendo revelar suas necessidades e fragilidades. Esses dois momentos dialogam ao mostrar como a busca por pertencer é uma constante na vida da autora, embora tenha sido acompanhada por um sentimento de medo e contenção.

2. Analise o trecho: "É como ficar com um presente todo embrulhado com papel enfeitado de presente nas mãos – e não ter quem dizer: tome, é seu, abra-o!" Explique como esse trecho dialoga com o tema do pertencimento na crônica. Relate uma experiência pessoal.

Gabarito: Esse trecho dialoga com o tema do pertencimento ao ilustrar a solidão e a frustração da autora diante da falta de alguém ou algo a quem ela possa oferecer seus sentimentos e experiências. A metáfora do presente todo embrulhado com papel de presente demonstra a existência de algo valioso que a autora gostaria de compartilhar, mas não encontra um destinatário adequado. Essa falta de pertencimento emocional a alguém ou algo específico intensifica sua solidão e reforça sua busca por uma conexão significativa. O trecho ressalta a importância de ter alguém com quem compartilhar alegrias e experiências, a fim de evitar que esses sentimentos se tornem patéticos ou incompletos.



2º momento – Leitura literária da crônica *Pertencer*

QUESTÕES DIALÓGICAS

03. Explique como o sentimento de pertencimento à literatura brasileira se relaciona com a autopercepção da autora.

Gabarito: O sentimento de pertencimento à literatura brasileira está intrinsecamente relacionado à autopercepção da autora. Embora ela afirme não ser literata ou intelectual, ela se sente feliz em fazer parte da literatura brasileira. Esse sentimento de pertencimento está vinculado à sua identidade e ao reconhecimento de sua existência e contribuição. Mesmo não desejando a popularidade, ela encontra satisfação em ser parte desse universo literário. Pertencer à literatura brasileira confere a ela um sentido de propósito e validação, permitindo-lhe afirmar sua identidade e valor como escritora, mesmo que não se enquadre em categorias predefinidas.

Professor(a), para desenvolver esta atividade a seguir é importante imprimir a folha para que possa montar um painel com as respostas dos estudantes.



2º momento - Leitura literária da crônica Pertencer

QUESTÕES DIALÓGICAS

VOCÊ RECOMENDARIA A LEITURA DA CRÔNICA PERTENCER? O QUE VOCÊ DIRIA?

A crônica Pertencer de Clarice Lispector aborda a temática do não pertencimento. Isso nos leva a refletir sobre esse sentimento de não pertencimento e, conseqüentemente, relacionar sobre a própria existência.

ESCREVA A SUA CITAÇÃO PREFERIDA DA CRÔNICA PERTENCER.

“A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver”



3º momento - Sensibilização - Crônica Potência e Fragilidade

Observe o olhar abaixo:



Agora imagine que entrou um cisco no seu olho. O que você faria? Justifique.

Resposta: Eu tentaria retirá-lo, pois incomoda, causa dor.

Será que podemos falar de potência e fragilidade a partir de um cisco no olho? Justifique.

Resposta: Sim, pois o cisco torna o olho mais frágil

Você sabia que a partir do cisco no olho a escritora Clarice Lispector produziu uma crônica chamada Potência e Fragilidade? Vamos conhecer?

Professor(a), a relação entre olhar, o cisco no olho e potência e fragilidade tem o intuito de causar empatia e curiosidade no estudante. A leitura será realizada de modo compartilhado, posteriormente serão realizados questionamentos. Essas questões devem ser realizadas oralmente.



3º momento - Leitura literária da crônica Potência e Fragilidade

POTÊNCIA E FRAGILIDADE

E de repente aquela dor intolerável no olho esquerdo, este lacrimejando, e o mundo se tornando turvo. E torto: pois fechando um olho, o outro automaticamente se entrefecha. Quatro vezes no decorrer de menos de um ano um objeto estranho entrou no meu olho esquerdo: duas vezes ciscos, uma vez um grão de areia, outra um cílio. Das quatro vezes tive que procurar um oftalmologista de plantão. Da última vez perguntei ao Dr. Murilo Carvalho, cirurgião dos Oculistas Associados, e também um artista em potencial que realiza sua vocação através de cuidar por assim dizer de nossa visão do mundo:

_ Por que sempre o olho esquerdo? É simples coincidência?

Ele respondeu não; que, por mais normal que seja vista, um dos olhos vê mais que o outro e por isso é mais sensível. Chamou-o de “olho diretor”. E, por ser mais sensível, disse ele, prende o corpo estranho, não o expulsa.

Quer dizer que o melhor olho é aquele que mais sofre. É a um só tempo mais poderoso e mais frágil, atrai problemas que, longe de serem imaginários, não poderiam ser reais que a dor insuportável de um cisco ferindo e arranhando uma das partes mais delicadas do corpo.

Fiquei pensativa.

Será que é só com olhos que isso acontece? Será que a pessoa que mais vê, portanto a mais potente, é a que mais sente e sofre. E a que mais se estilhaça com dores tão reais quanto um cisco no olho.

Fiquei pensativa.

Clarice Lispector, em *Jornal do Brasil* de 21 de outubro de 1967.



Professor(a), neste momento solicite a leitura silenciosa e depois compartilhada.

3º momento - Leitura literária da crônica Potência e Fragilidade

01. De acordo com a crônica Potência e fragilidade o “olho diretor” é:

- a) um olho vê mais que o outro e por isso é mais potente.
- b) por ser mais sensível, o olho diretor enxerga melhor.
- c) um olho vê mais que o outro e por isso é mais sensível.

02. A autora afirma “Será que a pessoa que mais vê, portanto a mais potente, é a que mais sente e sofre”, explique essa afirmação.

Resposta: A autora afirma que a pessoa que enxerga a vida de maneira consciente, sofre mais com os problemas sociais, como a fome, a guerra, a intolerância, racismo...

03. Qual trecho da crônica relaciona a dor do cisco no olho com problemas reais?

Resposta: “...o melhor olho é aquele que mais sofre. É a um só tempo mais poderoso e mais frágil, atrai problemas que, longe de serem imaginários, não poderia ser reais que a dor insuportável de um cisco ferindo e arranhando uma das partes mais delicadas do corpo.”

04. Qual problema social você tem enxergado com mais frequência?

Racismo

Intolerância

Violência doméstica

Bullying

Falta de empatia

Não pertencimento

Feminicídio

Fome

...



3º momento - Leitura literária da crônica Potência e Fragilidade

Você já ouviu falar de epifania? Vamos conhecer um pouco?

O termo epifania significa o relato de uma experiência(...) que mostra toda a força de inusitada revelação. É a percepção de uma realidade atordoante quando objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam súbita iluminação na consciência dos figurantes (...) Ao dar-se a epifania, a consciência do indivíduo se abre para uma outra realidade. (SANT'ANNA apud GONZAGA, p. 437, 2012)



“James Joyce definiu epifania, em interpretação livre, como o momento em que se descobre o cotidiano para além do véu da superficialidade, focando exatamente no instante em que se revela algo transformador, libertador, além da concepção automática como a realidade circundante se tornasse inédita” (NASCIMENTO, p. 10, 2016)

Podemos perceber a epifania na crônica seguindo os seguintes passos:

CRÔNICA	POTÊNCIA E FRAGILIDADE
Colocação do personagem em uma dada situação	Entra um cisco no olho do personagem
Preparação de um evento ou incidente, a narrativa dá indícios que algo vai acontecer	O questionamento do personagem ao médico sobre o porquê do cisco entrar sempre no mesmo olho
Ocorrência do incidente	A confirmação de que o cisco no mesmo olho porque todos nós temos um “olho diretor” que enxerga melhor e atrai o cisco, bem como a confirmação que é mais potente e frágil ao mesmo tempo
Desfecho em que se mostra ou considera a situação do personagem após um incidente	Após a percepção do fato o personagem se encontra “pensativa”

4º momento – Discursos alheios

Professor(a),

Nessa atividade busca trabalhar a relação do texto com a vida, com os discursos alheios, atravessam os gêneros discursivos, bem como a todos nós uma vez que somos construídos de diversos discursos alheios.



Observe a tirinha ao lado de Adão presente na página UM BRASIL:

01. Considerando a tirinha, qual o superpoder das personagens? Justifique.

Resposta: O superpoder é da invisibilidade social ao qual aos povos originários e moradores de ruas estão sujeitos.



02. Essa situação de invisibilidade também acontece na realidade? Todas as pessoas enxergam as dores dos outros? Ou muitos preferem não enxergar?

Resposta: Essa situação de invisibilidade social ocorre na realidade, quantas vezes não enxergamos as pessoas que estão em vulnerabilidade social, a exemplos dos moradores de ruas dos grandes centros urbanos que morrem de frio.

03. Qual a relação dessa situação de invisibilidade retratada na tirinha com a frase “será que a pessoa que melhor vê, portanto a mais potente, é a que mais sente e sofre. É a que se estraçalha com dores tão reais quanto um cisco no olho”? Resposta: o trecho da crônica se relaciona a situação de invisibilidade quando se questiona que quem melhor vê também sofre, pois sentirá empatia por aqueles que estão em situação de vulnerabilidade. Por essa razão, muitas pessoas optam por não enxergar a realidade que as cercam.

5º momento – Um pouco de Clarice Lispector



Professor(a),

Considerando a importância da singularidade na vida e na criação literária... Vamos conhecer um pouco de Clarice Lispector enquanto autora-pessoa? Começamos pelo que já sabemos! Realize os questionamentos oralmente. Este momento deve ser antecedido pela solicitação de realização de pesquisa bibliográfica acerca da autora Clarice Lispector. Posteriormente, a socialização dialogada das pesquisas realizadas.



Você já ouviu falar de Clarice Lispector?

Já leu alguma obra (romance, poema, conto, crônica) escrita por ela?



Que saber mais? Aponte o seu celular para o QR code ao lado.

“Clarice Lispector (1920 - 1977) foi um dos maiores nomes da literatura brasileira do Século XX. Com seu romance inovador e com sua linguagem altamente poética, sua obra se destacou diante dos modelos narrativos tradicionais. Seu primeiro livro, “Perto do coração selvagem” recebeu o Prêmio Graça Aranha”

CONCEITOS IMPORTANTES

Autor-criador

"dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é, seguindo sempre a imagética bakhtiniana, um estenógrafo desses eventos), mas, a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os reorganiza-os esteticamente.

Autor-pessoa

"o escritor, o artista, a pessoa física". (FARACO, 2011)

5º momento – Um pouco de Clarice Lispector



Rio de Janeiro, 3 de junho de 1942¹ Senhor Presidente Getúlio Vargas:

Quem lhe escreve é uma jornalista, ex-redatora da Agência Nacional (Departamento de Imprensa e Propaganda)², atualmente n'A Noite, acadêmica da Faculdade Nacional de Direito e, casualmente, russa também.

Uma russa de 21 anos de idade e que está no Brasil há 21 anos menos alguns meses. Que não conhece uma só palavra de russo mas que pensa, fala, escreve e age em português, fazendo disso sua profissão e nisso pousando todos os projetos do seu futuro, próximo ou longínquo. Que não tem pai nem mãe – o primeiro, assim como as irmãs da signatária, brasileiro naturalizado – e que por isso não se sente de modo algum presa ao país de onde veio, nem sequer por ouvir relatos sobre ele. Que deseja casar-se com brasileiro e ter filhos brasileiros. Que, se fosse obrigada a voltar à Rússia, lá se sentiria irremediavelmente estrangeira, sem amigos, sem profissão, sem esperanças.

Senhor Presidente. Não pretendo afirmar que tenho prestado grandes serviços à Nação – requisito que poderia alegar para ter direito de pedir a V. Ex.^a a dispensa de um ano de prazo, necessário a minha naturalização. Sou jovem e, salvo em ato de heroísmo, não poderia ter servido ao Brasil senão fragilmente. Demonstrei minha ligação com esta terra e meu desejo de servi-la, cooperando com o DIP, por meio de reportagens e artigos, distribuídos aos jornais do Rio e dos estados, na divulgação e na propaganda do governo de V. Ex.^a E, de um modo geral, trabalhando na imprensa diária, o grande elemento de aproximação entre governo e povo.

Como jornalista, tomei parte em comemorações das grandes datas nacionais, participei da inauguração de inúmeras obras iniciadas por V. Ex.^a, e estive mesmo ao lado de V. Ex.^a mais de uma vez, sendo que a última em 1º de maio de 1941, Dia do Trabalho.

Se trago a V. Ex.^a o resumo dos meus trabalhos jornalísticos não é para pedir-lhe, como recompensa, o direito de ser brasileira. Prestei esses serviços espontânea e naturalmente, e nem poderia deixar de executá-los. Se neles falo é para atestar que já sou brasileira.

Posso apresentar provas materiais de tudo o que afirmo. Infelizmente, o que não posso provar materialmente – e que, no entanto, é o que mais importa – é que tudo que fiz tinha como núcleo minha real união com o país e que não possuo, nem elegeria, outra pátria senão o Brasil.

Senhor Presidente. Tomo a liberdade de solicitar a V. Ex.^a a dispensa do prazo de um ano, que se deve seguir ao processo que atualmente transita pelo Ministério da Justiça, com todos os requisitos satisfeitos. Poderei trabalhar, formar-me, fazer os indispensáveis projetos para o futuro, com segurança e estabilidade. A assinatura de V. Ex.^a tornará de direito uma situação de fato. Creia-me, Senhor Presidente, ela alargará minha vida. E um dia saberei provar que não a usei inutilmente.

Clarice Lispector



5º momento – Um pouco de Clarice Lispector



01. De acordo com a carta, Clarice Lispector afirma que “se fosse obrigada a voltar à Rússia, lá se sentiria irremediavelmente estrangeira, sem amigos, sem profissão, sem esperanças”. Sendo assim, podemos afirmar que a autora tem, em relação à Rússia, o sentimento de:

- a) Pertencimento;
- b) Não pertencimento;
- c) Acolhimento;

02. De acordo com a carta, a autora afirma que “não conhece uma só palavra de russo mas que pensa, fala, escreve e age em português, fazendo disso sua profissão”. Ela utiliza esse argumento com o objetivo de:

- a) Conseguir o direito à sua naturalização.
- b) Conseguir o direito de voltar à Rússia.
- c) Conseguir o direito de sair do país.

03. De acordo com as leituras realizadas, qual a semelhança entre a carta de Clarice Lispector ao Getúlio Vargas e a crônica Pertencer?

Ambos os textos trazem como temática a busca pelo pertencimento.

04. De acordo com os conceitos de autor-pessoa e autor-criador, de qual perspectiva Clarice Lispector escreve:

- a) A crônica Pertencer

Autor-criador

- b) A carta ao Presidente Getúlio Vargas

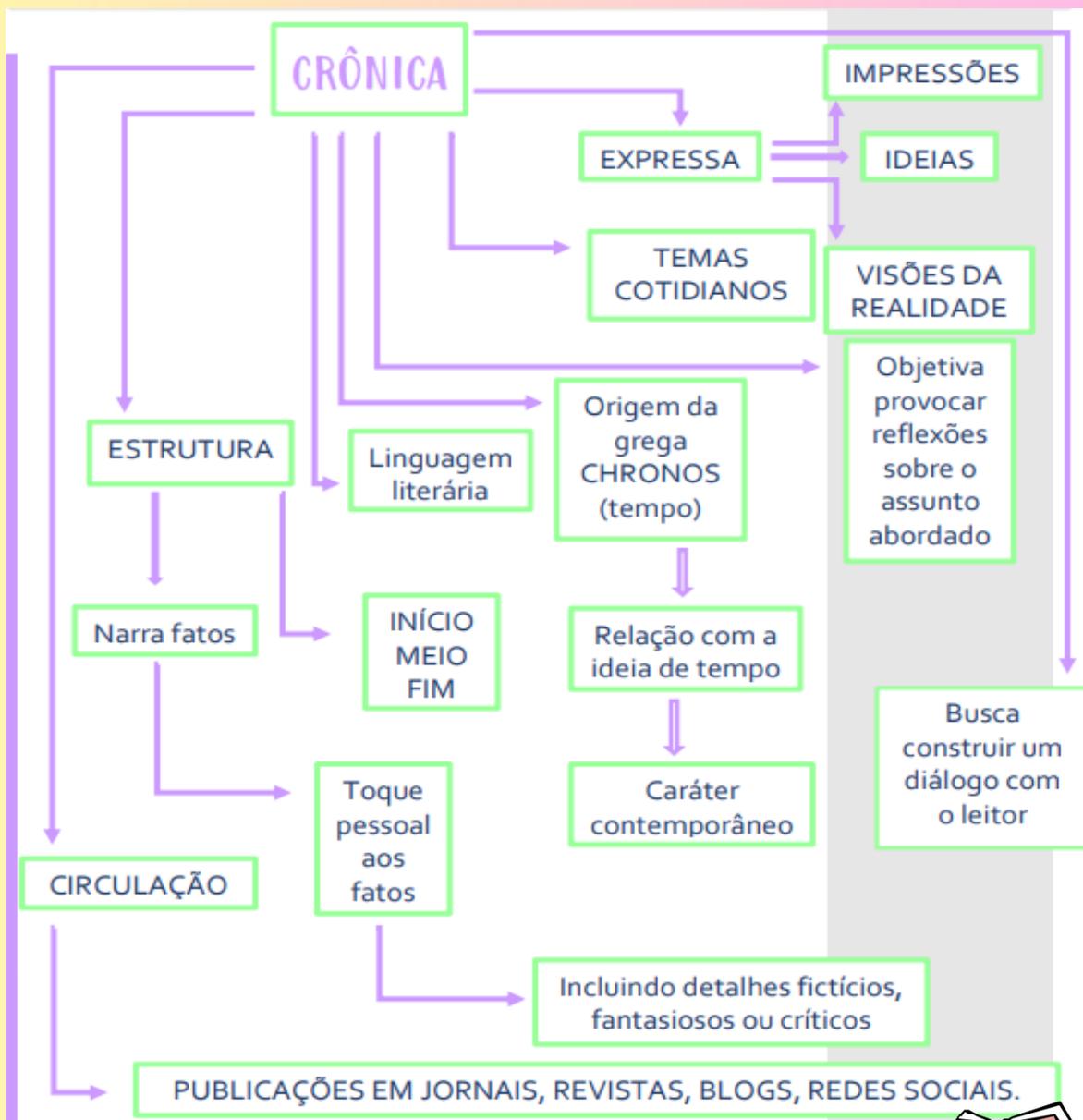
Autor-pessoa



6º momento – O gênero crônica e Clarice Lispector

CRÔNICA

A crônica de Clarice Lispector se aproxima do conceito postulado por LOPES (2021) quando indica que esse gênero oferece reflexão e solicita reflexão ao afirmar que “...é muitas vezes uma apreciação crítica, um juízo de valor, uma narração de factos/acontecimentos (reais, como pretexto, ou ficcionais), alternando entre a subjetividade literária e o relato de factos. A crônica oferece reflexão”



PARA QUE SERVE A CRÔNICA

Embora as crônicas retratem acontecimentos cotidianos, elas não têm a finalidade de informar. O objetivo da narrativa é, na verdade, provocar uma reflexão sobre o assunto abordado. Os cronistas costumam identificar aspectos que, muitas vezes, passam despercebidos pelo restante da sociedade, mas que merecem observação e análise.



CARACTERÍSTICAS

- ✚ Textos curtos, de fácil compreensão;
- ✚ Linguagem simples;
- ✚ Poucos (ou nenhum) personagens;
- ✚ Análise crítica sobre contextos e circunstâncias;
- ✚ Humor crítico, irônico e sarcástico;
- ✚ Linha cronológica dos fatos.

7º momento – Vivência respondente



Tema: A busca por identidade e pertencimento na adolescência

Proposta de registro de compreensão ativa:

A adolescência é uma fase marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais. Nesse período, os jovens enfrentam diversas questões relacionadas à sua identidade e ao seu senso de pertencimento. A partir da leitura da crônica "Pertencer" de Clarice Lispector, reflita sobre como esses temas se relacionam com o universo do adolescente. Em seguida, escreva um texto em que você aborde suas experiências, desafios e reflexões sobre a busca por identidade e pertencimento durante a adolescência.



6º momento - Vivência literária respondente



Professor(a) oriente o registro de compreensão ativa a partir das seguintes Instruções:

Leia atentamente a crônica "Pertencer" de Clarice Lispector e faça anotações dos trechos que mais chamaram sua atenção e que se relacionam com a busca por identidade e pertencimento na adolescência.

Exemplo de trecho a ser considerado: "Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça."

Refleta sobre sua própria experiência na adolescência. Pense nas questões de identidade, pertencimento, busca por grupo de amigos, influências sociais, pressões e desafios emocionais que você enfrentou ou ainda enfrenta.

Escreva um texto dissertativo-argumentativo em que você aborde as seguintes questões:

- a) Crie uma história em primeira pessoa.
- b) Relate um episódio com desafios que você enfrentou ou ainda enfrenta nessa busca? c) Como as influências sociais, como os grupos de amigos e as redes sociais, afetam sua busca por identidade e pertencimento?
- d) Quais estratégias você utiliza ou considera importantes para encontrar seu próprio caminho e se sentir parte de algo ou alguém?

Nessa narrativa você pode fazer reflexões sobre os valores éticos e/ou axiológicos que você considera relevantes nesse contexto? Como eles podem contribuir para uma busca saudável e autêntica por identidade e pertencimento na adolescência?

Ao escrever o texto, utilize recursos estilísticos da crônica de Clarice Lispector para escrever seu texto. Faça conexões entre a crônica e suas próprias experiências, trazendo exemplos pessoais e análises críticas.

Revise e edite seu texto, verificando a clareza das ideias, a coesão e a coerência argumentativa.

Lembre-se de que essa narrativa em primeira pessoa deve ser estruturada em introdução, desenvolvimento de argumentos e uma conclusão que retome os pontos principais abordados. Utilize uma linguagem adequada ao registro formal e busque expressar suas opiniões de forma clara.



Referências



BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. PARA UMA FILOSOFIA DO ATO RESPONSÁVEL. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 159 p.

_____. Estética da criação verbal. Prefácio da edição francesa: Tzvetan Todorov; introdução do russo Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

_____. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

CARVALHO, José Ricardo. A consciência individual e o signo ideológico: uma leitura dos estudos de Volóchinov. Revista Eutomia, v. 1, n. 27, p. 307-324, 2020.

_____. Capacidades de linguagem específicas para o domínio da leitura sob a abordagem do ISD. In: CARVALHO, José Ricardo et al. Agir de linguagem na escola e na universidade [recurso eletrônico]. São Luís: EDUFMA, 2021.

_____. A leitura e o domínio da capacidade de ressignificação valorativa do texto literário em abordagem bakhtiniana. In: CARVALHO, José Ricardo Carvalho... [et al.]. Agir de linguagem na escola e na universidade [no prelo] São Luís: EDUFMA, 2023.

LISPECTOR, Clarice. Correspondências. Rio de Janeiro: Rocco, pp. 33-34. O direito de ser brasileira. Disponível em: <<https://correio.ims.com.br/carta/o-direito-de-ser-brasileira/>>. Acesso em: 13 set. 2023.

DE MORAES, R. M. A. Epifania e “crise”: uma análise comparativa em obras de Clarice Lispector e Marguerite Duras. Revista Odisseia, [S. l.], n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2056>. Acesso em: 13 set. 2023.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de bakhtin e seus pares. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, 2011.



Referências



- GONZAGA, Sergius. CURSO DE LITERATURA BRASILEIRA. 5. Ed. – Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.
- LOPES, Paula Cristina. A CRÔNICA (NOS JORNAIS): o que foi? O que é?. Disponível em: [\(PDF\) A crônica \(nos jornais\): O que foi? O que é? | Paula Lopes - Academia.edu](#), acesso em 21.07. 2021.
- RIBEIRO, Nathalia Leandra (2020, April 24). A EPIFANIA NO CONTO “O BÚFALO” DE CLARICE LISPECTOR. Even3 Publicações. <http://doi.org/10.29327/714211>.
- THIOLLENT, Michel. METODOLOGIA DE PESQUISA-AÇÃO. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- Um Brasil. Charge disponível em: <https://umbrasil.com/charges/charge-16-01-2019/#> , acesso em 25/11/2022.
- VASQUEZ, Pedro. Todas as crônicas. Clarice Lispector. Org. Pedro Karp Vasquez; pesquisa textual de Larissa Vaz. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- VOLÓCHINOV, Valentim. MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, 2018 (2ª edição).



